

Cidade de Deus

Bráulio Mantovani

Baseado no romance de Paulo Lins

12º tratamento

Dezembro 2001

Abrimos com a imagem de um FACÃO sendo afiado.

CARACTERES em superposição: 1981

Ouve-se o murmúrio de VOZES alegres, vozes CANTANDO um samba acompanhado de um BATUQUE. Não vemos as pessoas. Mas os sons deixam claro que se trata de um ambiente festivo.

A letra do samba tem como tema: comida.

MÃOS NEGRAS amarram com um barbante a PERNA de um GALO.

O galo é imponente e vistoso. Alternamos o galo --incomodado por ter a perna amarrada -- a imagens que sugerem a preparação de um almoço:

ÁGUA FERVENDO numa enorme panela.

O galo parece reagir à imagem anterior.

Batatas sendo descascadas por MÃOS de uma mulher negra.

O galo reage como se entendesse a situação: vai virar comida.

GALINHAS MORTAS sendo depenadas por MÃOS de mulheres negras.

O galo reage. Ele tenta libertar a perna amarrada ao barbante.

MÃO masculina negra percute o couro de um pandeiro.

A letra do samba faz referência explícita ao tema comida.

O galo parece entender que seu fim está próximo.

Um FACÃO sendo afiado por mãos negras masculinas. A faca vai CRESCENDO, tornando-se cada vez mais ameaçadora.

O galo se desespera. Luta. E escapa.

ALMEIDINHA, o negro que segura o facão, percebe a fuga do galo e dá o alarme.

ALMEIDINHA

O galo fugiu!

Pela primeira vez, vemos a casa de Almeidinha do lado de fora. Trata-se de um lugar pobre, uma casa de alvenaria da Cidade de Deus. A festa está acontecendo no quintal.

A fuga do galo provoca um grande ALVOROÇO entre os convidados: na maioria homens, JOVENS, NEGROS e MULATOS. Apenas alguns são BRANCOS. Estão quase todos de calção e chinelo.

Dezenas de bandidos saem correndo atrás do galo. Eles fazem parte da quadrilha de Zé Pequeno. Todos berrando:

(CONT.)

1 CONT.:

VOZES DOS BANDIDOS
Pega o galo, pega o galo!

2 EXT. RUA PRÓXIMA - DIA

2

BUSCA-PÉ, o narrador da história, tem nas mãos uma câmera fotográfica profissional. É negro e tem aproximadamente 18 anos. Ao lado dele o amigo BARBANTINHO.

Eles caminham por uma rua do conjunto

BARBANTINHO
Aí, Busca-Pé... Tu acha mesmo que os cara vão te dar emprego no jornal se tu conseguir tirar essa foto?

BUSCA-PÉ
Eu tenho que arriscar.

BARBANTINHO
Porra! Tu tá arriscando é a vida. Por causa de uma foto, mermão! Dá um tempo!

MONTAGEM PARALELA

Intercalamos a conversa de Barbantinho e Busca-Pé às imagens dos bandidos perseguindo o galo pelas vielas da Cidade de Deus:

VIELA - BANDIDOS

Com ZÉ PEQUENO -- gordinho, pescoço socado e cabeçudo -- à frente, os bandidos perseguem o galo pelas vielas da Cidade de Deus. Os bandidos estão se divertindo com a situação.

Zé Pequeno aparece em close imediatamente após Busca-Pé dizer "daquele filho da puta".

A perseguição é cheia de peripécias, com o galo "dando um baile" nos perseguidores.

Durante a perseguição, passamos por alguns dos caminhos tortuosos da Cidade de Deus: casas simples, algumas casas muito pobres, ruas mal cuidadas, moradores na maioria negros, pobres e ASSUSTADOS com a correria dos bandidos.

RUA - BUSCA-PÉ E BARBANTINHO

BARBANTINHO (CONT.)
Na boa, Busca-Pé. Eu acho que os cara do jornal tão de sacanagem. Eles nunca vão te dar emprego.

BUSCA-PÉ
Pô, Barbantinho. Se conseguir essa foto, eu vou ficar na moral com os caras, tá entendendo?

(CONT.)

2 CONT.:

BARBANTINHO

Tu tá falando dum jeito que parece até que a gente tá num episódio da Missão Impossível.

BUSCA-PÉ

Pior é que é.

VIELA - BANDIDOS

Zé Pequeno, ao dobrar uma viela, tromba com um VENDEDOR de PANELAS. Zé Pequeno cai no meio das panelas. Dá sua RISADA FINA, ESTRIDENTE E RÁPIDA.

Ele se levanta, e começa a ESPANCAR violentamente o vendedor de panelas.

Zé Pequeno tira de trás do calção uma PISTOLA. Parece que ele vai matar o coitado. Mas, em vez disso, aponta o revólver para o alto, e dá a ordem:

ZÉ PEQUENO

Senta o dedo no galo!

Imediatamente, todos os bandidos sacam suas armas e correm atrás do galo, que está se aproximando cada vez mais a uma esquina.

RUA - BUSCA-PÉ E BARBANTINHO

BARBANTINHO

Porra, Busca-Pé! Vamo sai saindo. Se tu encontrar o cara? Ele deve tá querendo te matar.

BUSCA-PÉ

Barbantinho, se liga: a última coisa que eu queria na minha vida era ter que ficar cara a cara com aquele bandido de novo.

Neste exato momento, as duas ações paralelas se encontram: o galo vira a esquina. E atrás dele surgem Zé Pequeno e sua gangue.

Barbantinho arregala os olhos. Busca-Pé levanta um pouco a câmera fotográfica em direção ao olho mas não consegue levar o gesto até o final. Ele fica paralisado, olhando para Zé Pequeno que aponta a arma para Busca-Pé e grita:

ZÉ PEQUENO

Segura o galo.

Busca-Pé assume a pose de goleiro, fica meio abobalhado, tentando agarrar o galo, que passa no meio das pernas dele.

Uma MULHER que empurra um carrinho de bebê vê a cena e se afasta apressadamente.

(CONT.)

2 CONT.: (2)

Zé Pequeno avança em direção a Busca-Pé.

Busca-Pé está apavorado. Barbantinho, paralisado.

Zé Pequeno pára de repente. Todos os bandidos apontam suas armas para alguém que está atrás de Busca-Pé.

Busca-Pé olha para trás e vê uma PATRULHA de 6 policiais.

À frente da patrulha está o detetive Cabeção -- nordestino e mal-encarado.

Busca-Pé ainda na pose de goleiro desajeitado. A imagem congela.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Na Cidade de Deus, não dá pra saber o que é pior: encarar os bandidos ou a polícia. É um banguê-banguê sem mocinho. E sempre foi assim... Desde que eu...

FUSÃO PARA:

3 EXT. CAMPINHO - DIA

3

Um grupo de garotinhos jogando futebol. Entre eles estão os meninos Busca-Pé e Barbantinho. A idade dos garotos varia de 8 a 10 anos.

CARACTERES em superposição: ANOS 60

O MENINO BUSCA-PÉ está jogando como goleiro. Seus gestos são idênticos aos do jovem Busca-Pé tentando agarrar o galo na cena anterior.

A bola vem na direção dele. E passa por entre as pernas do menino, que se revela um frangeiro.

BUSCA-PÉ (V.O.)

(...) me conheço por gente.

Gritos da molecada. O jogo continua.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Muito malandro já chegou na Cidade de Deus com experiência ou com disposição pra bandidagem...

PERTO DALI

DADINHO e BENÉ -- também garotos na faixa dos 8 aos 10 anos, todos negros -- se aproximam do jogo.

Barbantinho agarra a bola assustado.

(CONT.)

3 CONT.:

BARBANTINHO
Miou o jogo!

DADINHO
Aí, molecada! Deixa eu dar uns toque nessa bola maneira aí!

STILL de Dadinho em CLOSE.

BUSCA-PÉ (V.O.)
Dadinho, por exemplo, parecia que já tinha nascido bandido.

Barbantinho, nervoso, joga a bola para Busca-Pé, que fica perplexo.

Dadinho se aproxima de Busca-Pé de maneira ameaçadora.

Bené se coloca entre os dois. Não é tão assustador quanto Dadinho. Ele fala para Busca-Pé.

BENÉ
Como é que tu chama?

BUSCA-PÉ
Busca-Pé.

STILL de Bené e Busca-Pé.

BUSCA-PÉ (V.O.) (cont.)
Pra quem ainda não percebeu, esse aí com o Bené sou eu.

Imagem volta a ganhar movimento.

BENÉ
Não deixa o Dadinho chuta tua bola, não, que ele é perna-de-pau. No primeiro chute ele fura a bola.

Busca-Pé hesita. Não entrega a bola mas não consegue disfarçar o medo que sente de Dadinho.

Busca-Pé começa a recuar, andando para trás, preparando-se para correr.

Logo nos primeiros passos, Busca-Pé tromba com alguém maior do que ele: CABELEIRA, um bandido de uns 18 anos, que veste uma CAMISETA BRANCA.

Cabeleira toma a bola de Busca-Pé.

Dadinho aplaude.

DADINHO
Aí, Cabeleira! Mostra que tu sabe da arte.

(CONT.)

3 CONT.: (2)

Cabeleira afasta os meninos com um gesto autoritário.

CABELEIRA
Vamo afastando, molecada!

Todos formam um círculo em volta do bandido.

Cabeleira faz embaixadas com a bola de futebol revelando uma extrema habilidade...

BUSCA-PÉ (V.O.)
Pra contar a história da Cidade de Deus, eu
tenho começar pela história desse cara aí:
o Cabeleira!

Chegam ALICATE e MARRECO, de armas na mão. Marreco carrega também uma CAMISETA VERMELHA.

MARRECO
Qualé, cumpádi? O caminhão do gás tá quase
chegando! Tu vai ficá aí de bobó?

Cabeleira esboça um leve sorriso, sem perder o controle da bola.

Há uma troca de olhares entre Marreco e Busca-Pé: um ar de cumplicidade.

ALICATE
Cumé que é, Cabeleira? Num vai dizê que tu
vai negá fogo?

Cabeleira chuta bola com força, para o alto. Imitando os trejeitos de um pistoleiro do velho oeste, saca a arma, escondida na parte de trás do calção, e dispara para o alto.

A bola de futebol EXPLODE.

4 ARTE - CARTELA 4

Texto enche a tela: A HISTÓRIA DE CABELEIRA

5 EXT. RUA DO CONJUNTO - DIA 5

Um CAMINHÃO DE GÁS cruza uma esquina ao longe.

Quase na outra esquina, entram Cabeleira, Marreco e Alicate -- todos armados e usando camisetas vermelhas --, junto com Dadinho e Bené. Os maiores amarram camisetas na cabeça para cobrir parte do rosto, imitando bandidos de westerns, de quem copiam também os trejeitos.

Eles cortam o caminho pelos quintais para se aproximarem e surpreenderem o caminhão.

Dadinho e Bené também põe a camiseta sobre o rosto, para imitar os mais velhos.

(CONT.)

5 CONT.:

Marreco atravessa a rua na frente do caminhão. Põe a mão atrás para puxar a arma.

DENTRO DO CAMINHÃO

Mão na buzina. Entendemos que o motorista acelerou.

NA RUA

Marreco se esquivava para não ser atropelado.

No meio das casas, Cabeleira dá um tiro para o alto e comanda o ataque. O caminhão está cercado por meninos de todos os lados. Cabeleira pára na frente do caminhão e aponta a arma para frente.

Marreco e Alicate entram no enquadramento enquanto texto está apresentando cada um.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Cabeleira era o cara que mandava no Trio Ternura. E o Trio Ternura era ele mais o Alicate e o...

(pausa, tom triste)

Marreco...

Cabeleira dá um tiro para o alto.

CABELEIRA

Todo mundo parado aí! O primeiro que se mexê leva bala!

MARRECO

E hoje tem gás de graça pra todo mundo.

Os moradores dão vivas.

Na fila dos moradores, estão LÚCIA MARACANÃ e BERENICE.

Lúcia Maracanã saúda os bandidos: ela reconhece o bando mesmo com eles usando os lenços sobre o rosto.

Motorista e ajudante saem com as mãos para cima

Abrem a caçamba e começam saquear o caminhão. Alicate, ajudado por um morador entrega um botijão para Berenice e Lúcia.

Berenice olha para Cabeleira enquanto ele dá um tranco no ajudante por tentar esconder parte do dinheiro.

CABELEIRA

Tu tá disposto a morrer pra salvar o dinheiro do teu patrão, rapá?

Marreco tira o dinheiro do ajudante. Muito troco. Notas pequenas.

(CONT.)

5 CONT.: (2)

5

Moradores saem carregando botijões.

Camburão da polícia vira a esquina, os garotos correm.

6 EXT. RUAS DO CONJUNTO - DIA

6

Cabeleira, Alicate e Marreco correm, perseguidos de perto, por um POLICIAL que dá tiros para o alto. Eles riem. E também atiram para o alto.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O Trio Ternura não tinha medo de ninguém. Nem da polícia... Eles achavam que a Cidade de Deus era deles. Mas tinha um monte de bandido que achava a mesma coisa. Naquele tempo, a Cidade de Deus ainda não tinha dono.

Os bandidos se metem pelas ruelas do local.

MONTAGEM cria a sensação de labirinto: o Policial nunca sabe para onde ir.

Os bandidos param um instante. Tiram as camisetas vermelhas, jogando-as por trás do muro de uma casa. Todos agora estão de camiseta branca. Eles continuam correndo até o...

7 EXT. CAMPINHO - DIA

7

Eles chegam ao campinho onde os garotos estão jogando futebol com a bola murcha, que Cabeleira estourou antes com o tiro, e fingem que fazem parte do jogo.

O Policial passa correndo por eles, sem se dar conta de quem eles são.

Assim que o Policial some da vista, eles caem na gargalhada.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Com o know how que eu adquiri no entendimento da bandidagem, eu posso falar com toda a segurança: o Trio Ternura, no fundo, era um bando de pé-de-chinelo.

Marreco se aproxima de Busca-Pé.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Principalmente o meu irmão: o Marreco.

Marreco tira dinheiro do calção e entrega para Busca-Pé.

MARRECO

Aí, Busca-Pé! Leva esse dinheiro aí pra mãe compra umas comida. Mas não conta pro velho que fui eu que te dei!

Cabeleira atira dinheiro para o alto.

(CONT.)

7 CONT.:

CABELEIRA

Aí molecada, pra vocês comprar uma bola nova.

Os bandidos se afastam.

Busca-Pé faz um sinal para Barbantinho. Eles saem correndo e a câmera os acompanha.

8 EXT. RUAS DO CONJUNTO - DIA

8

Busca Pé e Barbantinho correm pelas ruas de terra e com poucas casas, em direção aos Apês.

Os garotos passam pelo meio de uma mudança que chega. Olham tudo com mesmo movimento de cabeça.

Um GAROTO da mesma idade que está chegando, olha para eles com uma cara meio deslocada. Busca Pé e Barbantinho, fazem cara de poucos amigos. Marcando território.

Ao longo da rua, mais duas mudanças. Barbantinho e Busca Pé passam examinando. Uma GAROTA BONITINHA sorri.

Umm caminhão em primeiro plano de onde descem várias pessoas carregando malas e trouxas. Uma fila vai se formando, de costas para a câmera.

Uma ASSISTENTE SOCIAL orienta os novos moradores.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Quando eu cheguei na Cidade de Deus, eu era ainda moleque. E a minha família era como todas as outras que tavam se mudando pra lá: a gente tinha ficado sem casa por causa das enchentes... E a filosofia do governo naquela época consistia no seguinte raciocínio: não tem onde pôr? Manda pra Cidade de Deus!

Os dois garotos viram e descem o barranco em direção ao mato.

9 EXT. POMAR DE UM SÍTIO - DIA

9

Busca-Pé e Barbantinho comem goiabas no pé.

BUSCA-PÉ

Barbantinho, tu vai querer ser o que quando crescer?

BARBANTINHO

Eu...

Antes que Barbantinho termine a fala, GRITOS de mulher fazem os meninos descerem da árvore em disparada.

(CONT.)

9 CONT.:

VOZ DE MULHER
Some daqui! Vai roubar goiaba da sua mãe!

10 EXT. BARRO VERMELHO - DIA 10

Barbantino e Busca-Pé descem correndo pelo Barro Vermelho com outros moleques. Estão felizes, brincando, dando cambalhotas.

11 EXT. RIO - DIA 11

Barbantino está nadando no rio. Busca-Pé observa da margem.

Barbantino tira a cabeça da água e fala do rio mesmo:

BARBANTINHO
Tu acha que eu vou conseguir ser salva-vidas que nem meu pai?

BUSCA-PÉ
Sei lá...

BARBANTINHO
É... Ser salva-vidas é mais difícil que ser peixeiro que nem o seu pai.

Busca-Pé fica um pouco bravo.

BUSCA-PÉ
Quem disse que eu quero ser peixeiro?
Peixeiro fede.

BARBANTINHO
E tu quer ser o quê?

Busca-Pé abre a mão e olha para o dinheiro que Marreco lhe entregou antes.

BUSCA-PÉ
Sei lá... Trabalhar de bandido que nem meu irmão, eu não quero. Nem de polícia. Tenho medo de tomar tiro...

12 INT. CASA DE CABELEIRA - DIA 12

Marreco dá uma longa tragada num baseado.

Dadinho, brincando, encosta uma arma na orelha dele. Alicate percebe e dá o alerta.

ALICATE
Vira esse negócio pra lá, moleque! Tu tá maluco.

Marreco dá um tapa em Dadinho e arranca a arma das mãos dele.

MARRECO

Dá essa merda aqui! Tu não tem o que fazer, moleque? Vai buscá uma Coca-cola pra nós.

Cabeleira intervém.

CABELEIRA

Vamo com calma que o Dadinho é do conceito, tá ligado?

Dadinho olha para Marreco num misto de raiva e desafio.

DADINHO

E isso aí, mermão. Eu também sou bicho-solto, tá ligado?

Marreco passa o baseado para Alicate, que passa Cabeleira, que passa para Dadinho.

CABELEIRA

Amanhã tu vem com a gente sabargar o caminhão de gás de novo.

ALICATE

De novo?

CABELEIRA

Não quero ficar duro, não, porque dá azar de sujar e a gente não tem nem um qualquer pra dar um calaboca pros homi, morou?

ALICATE

A polícia vai ficar na moita, só esperando pra encaçapar vagabundo, morou? Vou ficar entocado.

CABELEIRA

Se hoje foi dia do Gasbrás, amanhã vai ser o Minasgás.

MARRECO

Caminhão de gás só dá couro de rato. O negócio é meter uma cachanga de bacana.

ALICATE

É... É assim que a gente acerta a boa! E sai dessa vida.

DADINHO

Acerta nada... Essa história de meter cachanga é robada. Eu sei de um jeito mais melhor de acertar a boa.

Todos riem.

Cabeleira defende o menino.

12 CONT.: (2)

CABELEIRA

Cala boca todo mundo que o Dadinho é mais esperto que vocês tudó! Conta aí, cumpádi... Que é que tu tá pensando?

Dadinho olha para a arma que tem nas mãos. Olha para Cabeleira e dá uma risada peculiar. É a risada que ouvimos antes: a risada do futuro Zé Pequeno.

13 INT. DEPOIMENTO - MINIBIOGRAFIA 13

Recepcionista do Motel que será assaltado logo adiante fala para a câmera.

RECEPCIONISTA

Eu não sou de ficar em casa chorando por caso de homem, não. Tem amiga minha que diz que só namora sério. Depois, fica tudo igual: leva um pé na bunda. E chora, e chora, e chora. Eu, hem. Meu negócio é trocar o óleo toda a semana.

14 EXT. RECEPÇÃO DO MOTEL - NOITE 14

Um carro último tipo da época parado na recepção do motel. Um HOMEM com pinta de playboy pega o documento que a Recepcionista, a mesma da cena anterior, entrega para ele.

No banco do passageiro, uma MULHER tipo perua da época. Ela olha feio para a Recepcionista, que está sorrindo coquete para o homem.

O carro entra no motel.

A câmera sobe, acompanhando o veículo e num movimento contínuo faz transição para:

15 EXT. TERRENO BALDIO - NOITE 15

Atrás de um muro, no terreno baldio ao lado do motel, estão Marreco, Dadinho, Alicate e Cabeleira.

Os bandidos checam as armas.

Dadinho tenta colocar a mão na arma de Marreco, que dá um tapa na cabeça do moleque.

MARRECO

Tira a mão, seu moleque.

Cabeleira entrega uma arma para Dadinho, que mal consegue controlar a empolgação.

15 CONT.:

CABELEIRA

Aí, Dadinho... Tu só veio com a gente porque a idéia foi tua. Mas tu ainda é muito moleque.

Dadinho se decepçiona.

DADINHO

E daí?

CABELEIRA

Daí que tu vai ficar aqui dando cobertura. Se pintar samango, tu dá um tiro naquele vidro pra avisar a gente.

Cabeleira aponta o local onde Dadinho deve atirar.

MARRECO

Vamo lá, cumpádi!

Cabeleira dá um tapa afetuoso na cabeça de Dadinho.

CABELEIRA

Na próxima tu vem junto! Vamo lá!

Os bandidos se afastam, deixando Dadinho frustrado. Ele fala sozinho.

DADINHO

Dá tiro em vidro! Esses cara pensa que eu não tenho disposição...

16 ARTE - CARTELA

16

Texto enche a tela: O PLANO DE DADINHO

17 INT. COZINHA DO MOTEL - NOITE

17

Os bandidos estão amarrando e amordaçando os seguranças e funcionários do motel. Entre eles, a Recepcionista, que fala compulsivamente.

RECEPCIONISTA

Por que vocês tão fazendo isso, meninos? Os moços forte como vocês! Podiam trabalhar... Ganhar a vida honestamente. Vocês nem cara de bandido tem. Se eu encontrasse com um de vocês num lugar... assim... Num baile, por exemplo, eu...

Antes que ela termine a frase, Cabeleira amordaça a boca dela.

CABELEIRA

Ô mulher chata!

18 EXT. DIANTE DO MOTEL - NOITE 18

Dadinho está brincando com a arma, fazendo-a girar como fazem os caubóis nos westerns.

Ele finge disparar contra inimigos imaginários. Mas a brincadeira logo perde a graça.

Dadinho está visivelmente entediado.

19 INT. QUARTO DO MOTEL - NOITE 19

O casal que vimos entrar anteriormente no motel está transando.

Ouvem-se BATIDAS na porta.

O Homem se assusta.

HOMEM

Quem é?

A porta se abre. Alguém entra. Pelo uniforme, percebemos que se trata de um garçom, carregando uma bandeja repleta de garrafas de cerveja. As garrafas estão na altura da cabeça do garçom, impedindo-nos de ver o rosto dele.

HOMEM (CONT.)

Eu não chamei o serviço de quarto, cara!
Sai daqui!

O garçom atira a bandeja sobre o casal e aponta uma arma. O garçom é Cabeleira.

CABELEIRA

Cortesia da casa doutor! Agora, vamos passando a grana aí! Rapidinho, rapidinho...

Começa a tocar um SAMBA, cuja letra fala de dinheiro, de se dar bem na vida.

20 INT. QUARTOS DIVERSOS DO MOTEL - NOITE 20

Sucessão de quartos sendo invadidos e casais sendo assaltados.

Os bandidos colocam dinheiro, relógios, pulseiras e cordões de ouro em sacos de papel pardo.

As diferentes cenas revelam ainda as personalidades dos bandidos:

Marreco, desastrado, flerta com uma PROSTITUTA que dá mole para ele enquanto o cliente entrega o dinheiro.

Num outro quarto, Marreco empurra o HOMEM para o banheiro e dá um beijo na MULHER BONITA.

(CONT.)

20 CONT.:

Em outro quarto, Marreco bebe direto do gargalo de uma garrafa de uísque.

MARRECO

Isso aqui que é doze anos, é?

Alicate, gentil, tenta assaltar mas ao mesmo tempo acalma garota que está sendo assaltada.

Em outro quarto, uma MULHER MAGRINHA está muito nervosa. Ela abre a bolsa e todo o conteúdo cai no chão: batom, estojo de pó de arroz, carteira, absorvente higiênico. Alicate ajuda a mulher a recolher as coisas.

Entre os pertences da mulher, Alicate vê uma corrente de ouro que tem um crucifixo com um Cristo. A imagem o deixa perturbado. Ele faz o sinal da cruz, beija o crucifixo e devolve a corrente de ouro para a MULHER MAGRINHA, que está apavorada na cama ao lado de um HOMEM NU igualmente apavorado.

Cabeleira, impaciente, rápido, profissional e mais violento. Ele entra e sai rapidamente em vários quartos.

21 EXT. DIANTE DO MOTEL - NOITE 21

Um vidro blindex é estilhaçado por uma bala ao mesmo tempo em que:

Ouve-se o TIRO de alerta.

22 INT. QUARTOS DO MOTEL - NOITE 22

Em 3 quartos diferentes, Cabeleira, Marreco e Alicate reagem ao som do tiro.

23 INT. CORREDOR DE SERVIÇO DO MOTEL - NOITE 23

Os bandidos se encontram no corredor de serviço.

Ouvem-se mais TIROS.

CABELEIRA

A polícia, cambada. Vamo simhora!

MARRECO

Vamo roubar um carro.

ALICATE

Mas ninguém aqui sabe dirigir.

MARRECO

Eu sei.

CABELEIRA

Então vamo lá. Cada um pega uma chave num quarto.

24 INT. QUARTO DO MOTEL - NOITE 24

Cabeleira passa para um quarto. Olha bem feio para o homem do casal. Olha no criado mudo. Pega as chaves do carro que estão lá e sai correndo.

25 EXT. ESTACIONAMENTO DO MOTEL - NOITE 25

Os bandidos estão experimentando as chaves para ver qual carro abre.

ALICATE

Duvido que tu sabe dirigir, Marreco.
Duvido.

MARRECO

Claro que eu sei.

Cabeleira encontra um carro com a porta amassada que está com o vidro aberto e a chave no contato.

CABELEIRA

Aqui, Marreco. Esse aqui tá com a chave.

Marreco olha para o carro e faz cara feia, enquanto Cabeleira abre a porta.

MARRECO

Esse aí tá amassado.

Mais TIROS.

Cabeleira dá um tapa cabeça de Marreco e o empurra para dentro do carro.

CABELEIRA

Deixa de ser viado, rapá.

Os bandidos entram no carro.

CABELEIRA (cont.)

Pára na saída pra gente pegar o Dadinho.

26 EXT. DIANTE DO MOTEL - NOITE 26

O carro breco seco.

Cabeleira coloca a cabeça pra fora.

CABELEIRA

Dadinho!

TIROS.

27 INT. CARRO - NOITE 27

MARRECO
Ele deve ter fugido. Vamo embora!

CABELEIRA
Os filhos da puta devem ter matado ele.

O carro arranca.

FADE OUT.

Som de TIROS.

FADE IN.

28 INT. COZINHA DO MOTEL - NOITE 28

CLOSE da Recepcionista morta, com tiro no meio da testa.

Os outros funcionários também estão mortos.

29 EXT. RUA QUE DÁ ACESSO À CIDADE DE DEUS - NOITE 29

O carro roubado pelos bandidos entra desgovernado no conjunto.

30 INT. CARRO - NOITE 30

Marreco está dirigindo o carro roubado. Está apavorado. Não consegue controlar bem o carro.

CABELEIRA
Tu falou que sabia dirigir, seu merda!

Marreco perde o controle do carro.

31 EXT. DIANTE DO BAR DO PINGÜIM - NOITE 31

O carro desgovernado desce a ladeira diante do bar do Pingüim.

As PESSOAS que estão nas mesas se assustam e pulam na hora em que o carro invade o bar e se choca contra um muro.

Uma pequena multidão cerca o carro que acaba de bater contra um muro.

Cabeleira sai do carro e dá um encontrão em um dos curiosos: o CEARÁ.

Do outro lado, saem Marreco e Alicate. Eles tiram os sacos de papel pardo do carro e começam a correr.

Cabeleira dá tiros para o alto para dispersar os curiosos.

31 CONT.:

CABELEIRA

Vamo circulando aí... Ninguém viu nada, hem? Ninguém viu porra nenhuma.

Os bandidos saem correndo.

Cabeleira sai correndo, olhando feio para o Ceará que, por uma vez, olha para o bandido com ódio.

CLOSE do Ceará com olhar de ódio.

CEARÁ

Eu ainda vou foder com a vida desses bandidos. Esses crioulo filho da puta!

Durante a locução a seguir, a câmera acompanha o Ceará indo até um TELEFONE DO BAR, fazendo um gesto para PINGÜIM, o dono bar, indicando que precisa telefonar. Pingüim assente com a cabeça. Ceará começa a discar.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O Ceará, na verdade, não tinha raiva de bandido. Ele odiava mesmo era preto. Mas essa não é a hora da história dele. Agora, o que interessa mesmo...

32 EXT. QUINTAL DE CASA POPULAR - NOITE

32

Cabeleira, Marreco e Alicate pulam o muro em slow motion, vistos de baixo, como se estivessem voando.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

... é a história do Trio Ternura.

Começa a soar uma SIRENE DE POLÍCIA.

Alicate cai de mal jeito, e corta o pé.

ALICATE

Filho da puta!

CABELEIRA

Putaque pariu! Os samango tão vindo aí.

Alicate geme.

CABELEIRA (cont.)

Que foi, rapá?

MARRECO

O Alicate fudeu o pé.

CABELEIRA

É o seguinte, Marreco. Tu leva o Alicate por meio do mato. Eu vou pro outro lado. Dou uns tiro pra chamar a atenção dos samango.

(CONT.)

32 CONT.:

MARRECO

E tu vai se esconde onde?

CABELEIRA

Eu tenho um lugar...

Os bandidos se dividem. Cabeleira vai para um lado.

Alicate manca e geme: seu pé sangra muito. Marreco ajuda o amigo oferecendo os ombros como apoio.

MARRECO

Pára de chorar, rapá.

Alicate faz o sinal da cruz olhando para o céu.

ALICATE

Perdoe os meus pecados, nosso senhor Jesus Cristo. Me alivia dessa dor!

Ao longe, soa mais alto a SIRENE da polícia.

33 EXT. BAR DO PINGÜIM - NOITE

33

Cabeção -- mais jovem do que no início do filme -- sai de um camburão, e cumprimenta o detetive TOURO, também nordestino e com pinta de violento.

Touro é tipo linha-dura. Cabeção tem vocação de corrupto. Eles examinam o carro batido.

Há uma troca de olhares cúmplices entre o Ceará e Touro.

CABEÇÃO

É esse carro aí do motel.

Cabeção engatilha a arma. Tem um sorriso sádico no rosto.

TOURO

Os filhos da puta mataram seis no motel!
São uns assassinos. Pra onde eles fugiram?

Ninguém responde.

CABEÇÃO

Porra! Ninguém vai falar nada? Vocês não sabem que esses caras são uns elementos muito perigosos? Tem que prender esses caras!

Touro olha discretamente para Ceará que discretamente aponta para a direção em que os bandidos fugiram.

TOURO

Ele devem ter corrido pro mato. Eu garanto que eles não sai vivo de lá.

34 EXT. MATAGAL - NOITE 34

Marreco e Alicate caminham pelo mato. Alicate está mal, sangrando. É ajudado por Marreco.

35 EXT. MESMO MATAGAL - NOITE 35

Cabeção, Touro e outros 3 policiais abrem caminho pelo mesmo matagal. Eles andam decididos. Têm sede de sangue.

Touro dá um comando para os 3 policiais.

TOURO

Vocês vão por esse lado aí. Corre, que eles devem de tá perto.

Os 3 policiais se separam de Touro e Cabeção.

CABEÇÃO

Os caras levaram a maior grana lá do motel. A gente pode meter a mão nisso aí.

TOURO

Eu me contento de enche esses crioulo filho da puta de bala.

CABEÇÃO

Tu tá invocado comigo? Tu tá pensando que eu sou ladrão, é? Desde quando tirar dinheiro de nego ladrão é crime?

TOURO

Não é isso, não.

Os policiais param e se sentam bem debaixo de uma enorme FIGUEIRA, cujo aspecto é sinistro.

Cabeção tira um baseado do bolso. Acende.

TOURO (CONT.)

Aí, não conta pra ninguém: a filha da puta da minha mulher foi embora.

CABEÇÃO

Tu tá brincando?

TOURO

E a merda é que ela fica pedindo dinheiro pra tudo.

A câmera sobre, revelando no alto da árvore Marreco e Alicate, escondidos entre os galhos.

Marreco precisa tapar a boca para conter o riso. Os bandidos têm que ficar quietos, resistindo em silêncio ao frio e aos mosquitos. E, no caso de Alicate, à dor no pé.

(CONT.)

Mosquitos não param de picar Alicate, que vai ficando cada vez mais incomodado com a situação.

CABEÇÃO

Tá vendo... Se tu der um dinheiro pra ela, ela volta. A merda é acha os nego filho da puta!

TOURO

A gente acha. O meu chegada lá vai descobrir pra gente.

INSERT: BAR - NOITE

Still do Ceará falando ao telefone público.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O chegada em questão é o Ceará. Mas essa ainda não é a hora da história dele...

VOLTAMOS PARA: MATAGAL

Alicate sofre com a dor. Apoiar a cabeça num tronco e vê uma gota de orvalho ou algum stock shot do microcosmos.

Olha para o céu e vê as últimas estrelas. A voz dos policiais fica distante. Já está começando clarear. A música cria um clima de viagem. Ao longe, soa um TIRO.

Cabeção joga o baseado no chão, e apaga o baseado com o pé.

CABEÇÃO

Vamo nessa?

Os policiais se retiram.

Na árvore, Marreco respira aliviado e quebra o clima de Alicate.

MARRECO

Caralho! Pensei que os samangos iam passar a noite aqui.

ALICATE

Marreco, tu viu a foto que os astronauta tiraram da Terra?

MARRECO

Tu acreditou? Aquilo é tudo mentira, rapá! É invenção dos americano.

ALICATE

A Terra aqui pra gente é grande pra caramba. Mas lá no espaço é só um pontinho azul. Um pontinho de nada. Uma coisinha, assim, sem a menor importância.

MARRECO

Tu tá legal, Alicate?

Alicate parece não ouvir o que diz Marreco.

ALICATE

E se a Terra é quase como se fosse um nada, a gente é o quê? Menos que nada? Se a gente nada, tudo isso que a gente faz serve pra quê? Pra que que a gente vive essa vida de bicho solto?

MARRECO

Porra! Pra arrumar dinheiro!

ALICATE

Pra que que a gente corre risco de levar tiro? Pra que que a gente foge dos samango? Machuca o pé? Leva picada de mosquito?

MARRECO

Melhor que comer de marmitta, não é cumpádi?

ALICATE

Tu já imaginou como deve de ser bom sentir o sossego de um rio que vai passando assim... devagarinho... só fazendo carinho de leve por onde ele passa... Só escutando passarinho cantar... As pessoas conversar... As crianças brincar...

MARRECO

Tu fumou o quê, Alicate?

ALICATE

Marreco, tu já trabalhou, né?

MARRECO

Já...

ALICATE

Como é que é trabalhar? Os caras fala o quê?

MARRECO

Sei lá! Só trabalhei com o eu pai. Pai só fala merda.

36 EXT. DIANTE DA CASA DE LÚCIA MARACANÃ - NOITE

36

O som dos disparos do fim da cena anterior coincide com o som de batidas na porta.

Trata-se de Cabeleira. Ele está exaurido, batendo à porta de Lúcia Maracanã.

(CONT.)

CABELEIRA

Lúcia! Abre essa porra!

Quem abre a porta, surpreendendo Cabeleira, é Berenice.

Soa uma canção romântica da época.

Cabeleira e Berenice ficam se olhando.

Lúcia Maracanã aparece zangada.

LÚCIA MARACANÃ

Que que tu tá fazendo aqui?

Cabeleira não responde. Continua olhando apaixonadamente para Berenice.

Lúcia Maracanã percebe o clima de romance, e fala com ironia.

LÚCIA MARACANÃ (CONT.)

Cabeleira, o Cabeção e o Touro tão bem aí,
atrás de você!

Cabeleira apenas grunhe, revelando não ter prestado a menor atenção ao que disse Lúcia Maracanã.

CABELEIRA

Ã-hã...

Irritada, Lúcia Maracanã grita.

LÚCIA MARACANÃ

Ca-be-lei-ra!

Cabeleira volta a si...

CABELEIRA

Tô precisando me esconder da polícia.

LÚCIA MARACANÃ

Entra aí, seu otário...

Cabeleira entra na casa. Lúcia Maracanã olha para os lados antes de fechar a porta.

No alto da figueira, Alicate continua o seu devaneio.

ALICATE

Porra! Tenta coisa no mundo que é boa só de olhar. Tem tanta paz por aí né? Quer saber, eu vou rapar fora dessa vida, morou?

Alicate vai descendo da árvore com uma certa dificuldade mas cheio de determinação

37 CONT.:

MARRECO

Aonde é que tu tá indo? Peraí, rapá! Dá um tempo pros samango ir embora!

ALICATE

Eu disse que eu vou rapar fora dessa vida. Senão eu vou amanhecer com a boca cheia de formiga ou então se fuder numa cadeia. Essa onda de bicho-solto é pra maluco. Não é pra mim. Eu vou voltar pra igreja.

Marreco fica perplexo com a atitude de Alicate, que sai caminhando resoluto.

38 INT. DEPOIMENTO - MINIBIOGRAFIA

38

JOVEM NEGRO trabalhador fala para a câmera.

JOVEM TRABALHADOR

Tem um irmão meu que é bicho-solto, tá me entendendo? O que eu quero dizer é que ele é bandido. Ele me vê saindo pro trabalho e diz assim pra mim:

(tom de "malandro")

"Trabalhá que nem escravo pra quê? Pra ficar comendo de marmitta? Pra ficar recebendo ordem de branquelo? Acordá cedão pra pegar no batente e ganhar merreca? Tu é otário! Eu num trabalho nem fudendo"

(tom normal)

Isso é o que diz meu irmão, com o perdão da linguagem, que eu não falo assim, não. Eu sou trabalhador e homem de fé. Acredito na misericórdia de nosso senhor Jesus Cristo filho de Deus Pai Todo-poderoso, criador do céu e da terra.

39 EXT. RUAS DO CONJUNTO - AMANHECER

39

Os raios do sol começam a iluminar as ruas da Cidade de Deus.

Alicate -- com as mesmas roupas que usava no assalto ao motel -- caminha pelas ruas do conjunto.

Está com o olhar vidrado, fitando o vazio e falando sozinho.

ALICATE

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará.

PERTO DALI...

Cabeção e Touro caminham lado a lado, rumo ao que parece ser um encontro inesperado e inevitável com Alicate.

(CONT.)

39 CONT.:

PERTO DALI...

Alicate caminha ao encontro dos policiais.

Alguns metros atrás deles, um JOVEM TRABALHADOR -- o mesmo da minibiografia que vimos há pouco -- caminha no mesmo sentido.

ALICATE (CONT.)
Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu
refúgio, a minha fortaleza, e nele
confiarei.

PERTO DALI...

Cabeção avista algo, pára abruptamente, e saca a arma.

CABEÇÃO
Ali, ali!

TOURO
Ali, onde?

PERTO DALI...

Alicate segue seu caminho quase em transe.

ALICATE
Não temerás espanto noturno, nem seta que
voe de dia.

PERTO DALI...

Cabeção e Touro preparam o bote.

CABEÇÃO
Agora!

Os dois saem correndo e atirando para o alto.

CABEÇÃO (CONT.)
Parado aí seu safado!

Alicate não se altera.

O Jovem Trabalhador Negro, que vinha atrás dele, começa a correr desesperado no sentido oposto.

Cabeção e Touro passam ao lado de Alicate, mas não o reconhecem.

TOURO
Mão na cabeça, seu bandido filho da puta!

Alicate olha para trás.

Ouvem-se TIROS.

(CONT.)

39 CONT.: (2)

Alicate prossegue em seu caminho.

ALICATE

Não temerás peste que ande na escuridão,
nem mortandade que assole ao meio-dia.

Cabeção e Touro examinam o corpo do Jovem Trabalhador. Touro acha a carteira profissional do morto. Esconde a carteira no bolso.

TOURO

Porra! Esse não é nenhum deles! Não é nem
bandido.

Cabeção tira uma arma do bolso e a coloca na mão do morto.

CABEÇÃO

Agora é.

Cabeção aperta o dedo do morto contra o gatilho da arma que ele plantou na mão dele fazendo com que ela dispare.

Câmera acompanha a trajetória da bala perdida: ela ricocheteia numa parede, ricocheteia de novo bem pertinho da cabeça de um MENINO que está dormindo na rua e finalmente vai na direção de:

Alicate caminhando. A bala estilhaça o espelho retrovisor de um carro estacionado, onde vimos antes, refletida, a imagem de Alicate.

Alicate, visto de costas, se afastando do perigo.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Depois do fracasso no assalto do motel,
cada bandido foi pro seu lado. Cada um, pro
seu destino... O destino do Alicate ficou
nas mãos de Deus.

40 INT. CASA DE LÚCIA MARACANÃ - NOITE

40

Cabeleira tira a camiseta enquanto olha apaixonado para Berenice.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O destino do Cabeleira cravou um flecha no
coração do bandido.

41 INT. COZINHA DA CASA DE BUSCA-PÉ - DIA

41

Marreco em close, cabisbaixo.

BUSCA-PÉ (V.O.)

E o destino do meu irmão Marreco, ficou na
mão do meu pai.

Marreco leva uma bofetada na cara.

(CONT.)

41 CONT.:

Câmera abre e revela DITO, pai de Busca-Pé e Marreco. Ele tem um punhado de notas na mão.

DITO

Tu pensa que eu não sei que foi tu que deu esse dinheiro pro teu irmão? Dinheiro sujo.

Dito atira as notas na cara de Marreco.

Junto à pia, descascando batatas, aparentemente alheia a tudo, está a MAE de Busca-Pé.

DITO (cont.)

Tu não vergonha na cara?

Marreco quer falar, mas Dito não deixa.

DITO (cont.)

Nem abre essa boca pra falar comigo. A partir de hoje tu vai trabalhar como eu. Tu vai vender peixe. E pra tu criar vergonha na cara, teu irmão, que é menor que tu, vai junto pra tomar conta. Busca-Pé, tu vai tomar conta do teu irmão. Se tu roubar de novo, Marreco, tu vai apanhar de cinta até sangrar. E tu também, Busca-Pé.

Busca-Pé olha feio para Marreco.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O pior de ter irmão bandido, é que sempre sobra pra tu também. Honestidade não compensa.

FADE OUT.

42 INT. COZINHA DA CASA DE LÚCIA MARACANÃ - DIA

42

Berenice está lavando a louça do café da manhã. Cabeleira ajuda, enxugando os pratos.

Cabeleira está tenso. Ensaia várias vezes iniciar uma conversa com Berenice, mas não consegue ir em frente. Até que ela toma a iniciativa.

O diálogo a seguir é entrecortado por breves momentos de silêncio seguidos de efeitos de transição que sinalizam passagem de tempo: pequenas elipses.

A cada transição, há menos louça suja.

BERENICE

Se você tem alguma coisa pra dizer, diz logo, Cabeleira! Você tá me deixando nervosa!

(CONT.)

CABELEIRA

É que eu ainda tô escolhendo as palavras certa, tá sabendo?

BERENICE

Você deve ser um cara muito escolhedor. Gente assim não se dá bem na vida, não, sentiu?

SILÊNCIO.

EFEITO: PASSAGEM DE TEMPO.

CABELEIRA

Então é o seguinte: vou te mandar uma letra invocada agora: acho que meu coração te escolheu, morou? Quem escolhe é o otário do coração, e quando eu te vi meu relógio despertou pensando que era manhã de sol.

BERENICE

Tu tá é de conversa fiada, rapá... Coração de malandro bate é na sola do pé e não desperta, não, fica sempre na moita!

CABELEIRA

Pô, mina... Já viu falar em amor à primeira vista?

BERENICE

Malandro não ama, malandro só sente desejo.

CABELEIRA

Assim não dá nem pra conversar...

BERENICE

Malandro não conversa, malandro desenrola uma idéia!

CABELEIRA

Pô, tudo que eu falo, você mete a foice!

BERENICE

Malandro não fala, malandro manda uma letra!

CABELEIRA

Vou parar de gastar meu português contigo.

BERENICE

Malandro não pára, malandro dá um tempo.

SILÊNCIO.

42 CONT.: (2)

EFEITO: PASSAGEM DE TEMPO.

CABELEIRA

Falar de amor com você é barra pesada.

BERENICE

Que amor nada, rapá. Tu tá é de sete-um!

CABELEIRA

Malandro vira otário quando ama.

SILÊNCIO.

EFEITO: PASSAGEM DE TEMPO.

Berenice larga o prato na pia, e coloca os braços em volta do pescoço de Cabeleira, oferecendo-se para um beijo.

BERENICE

Tu vai acabar me convencendo...

Eles se beijam na boca.

FADE OUT.

43 EXT. LOCAÇÕES DIVERSAS - DIA

43

Seqüência de cenas rápidas mostrando Cabeção e Touro dando batidas na favela atrás dos bandidos:

Touro pára junto a uma rodinha de JOVENS. Faz perguntas. Todos balançam a cabeça negativamente.

Cabeção chuta a porta de uma casa. E aponta a escopeta dele para dentro da casa.

Volta Touro na rodinha de jovens. Ele dá tapas nas caras de vários deles.

Volta Cabeção diante da casa: umas 5 CRIANÇAS bem pequenas saem com as mãos na cabeça.

Cabeção correndo atrás de um JOVEM vestido com roupas de trabalhador. O jovem vira uma esquina e dá de cara com Touro, que o agarra.

Cabeção chega por trás e dá um tapa na cabeça do jovem.

O jovem entrega a carteira para Cabeção, que tira dela todo o dinheiro.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Depois do assalto do motel, a polícia ficou dando incerta na favela durante uns três meses. Todo dia alguém apanhava, alguém ia preso, alguém se dava mal.

(CONT.)

(CONT.)

43 CONT.:

BUSCA-PÉ (V.O.) (cont.)
 Mas ninguém contava por onde andavam os
 bichos soltos do Trio Ternura.

44 INT. CASA DE BERENICE - NOITE

44

Cabeleira está deitado no sofá, fumando um baseado. Berenice está andando de um lado para o outro, com cara de quem está sofrendo um tremendo enjôo.

BERENICE

Cabeleira, agora que eu tô grávida, tu tem que largar essa vida de bicho-solto e arrumar um trabalho.

CABELEIRA

Porra! Desde quando trabalhar dá dinheiro?

BERENICE

Ficar de papo pro ar também não dá dinheiro, seu vagabundo.

CABELEIRA

Pô, Berenice... Tu sabe que meu sonho é comprar um sítio e criar galinha contigo... Mas primeiro eu tenho que acertar a boa, tá entendendo?

BERENICE

Isso é conversa de malandro. Tu sabe que isso num acontece... Eu não quero que o meu nenê seja filho de bandido.

CABELEIRA

Porra! Eu quase acertei a boa no assalto do motel! Eu posso tentar de novo!

BERENICE

Tentar de novo? O Cabeção e o Touro ainda tão querendo te pegá por aquelas morte do motel...

CABELEIRA

Eu num matei ninguém! Os filhos da puta é que devem ter matado o Dadinho. O moleque sumiu. Eu num matei ninguém!

BERENICE

Alguém matou... Ou tu larga dessa vida, ou eu te largo! Teus amigos já te abandonou tudo..

CABELEIRA

Ninguém me abandonou...

BERENICE

Não? O Alicate virou crente. E o Marreco virou otário.

45 EXT. DIANTE DA CASA DO CEARÁ - DIA

45

Marreco, vestido como o pai, está empurrando um carrinho de peixe. Busca-Pé vai ao lado dele. Quando ele chega bem diante da casa do Ceará, ele diminui a marcha e grita num tom malicioso.

MARRECO
Peeiiixeiroooo.

PERTO DALI - NO BAR DO PINGÜIM

Numa mesa do bar do Pingüim, o Ceará observa Marreco à distância.

BUSCA-PÉ (V.O.)
Finalmente, chegou a hora de contar a história do Ceará...

DIANTE DA CASA

A porta da casa se abre. Surge um belíssima nordestina: a MULHER DO Ceará.

BUSCA-PÉ (V.O.)(cont.)
... da mulher do Ceará e de como a história deles tem a ver com a história do meu irmão marreco, que virou otário mas não tomou jeito.

A mulher do Ceará vai até o carrinho comprar peixe.

Busca-Pé olha feio para Marreco, que faz uma cara cínica como se dissesse: "Eu não posso evitar".

NO BAR DO PINGÜIM

O Ceará olha feio para a mulher, percebendo que há um flerte entre ela e Marreco.

46 ARTE - CARTELA

46

Texto enche a tela: A HISTÓRIA DO Ceará

47 EXT. QUINTAL DA CASA DO CEARÁ - DIA

47

A VIZINHA, uma negra bonita, conversa com a Mulher do Ceará, que está pendurando a roupa no varal.

VIZINHA
Seu marido não te chupa, não?

MULHER DO CEARÁ
Não. Acho que ele tem nojo. Eu também não sei se eu ia gostar.

47 CONT.:

VIZINHA

Ah, minha filha... Você não conhece as coisa boa da vida. Antes do meu meter, tem que cair de língua uma meia hora. E no cu? Você não deixa ele colocar no teu, não?

MULHER DO CEARÁ

Graças a Deus que não! Deve doer muito.

VIZINHA

Nas primeiras vezes dói, mas depois vai que é uma beleza. Mas tem que ter uma banana.

MULHER DO CEARÁ

Como assim, banana?

VIZINHA

Ah! Minha filha... Você pega uma banana, esquentá ela um pouquinho, enfia na xereca e manda ele colocar atrás. Parece que você vai voar? Pede pra ele fazer pra você ver como é bom.

A Mulher do Ceará faz uma cara de safada.

MULHER DO CEARÁ

Ah! Eu tenho medo de pedir essas coisas pra ele...

VIZINHA

Medo por quê? Homem que é homem gosta dessas sacanagem.

48 INT. DEPOIMENTO - MINIBIOGRAFIA

48

A Mulher do Ceará fala para a câmera. Ela está com o olho roxo: levou uma porrada na cara.

MULHER DO CEARÁ

O meu marido é um cabra do muito frouxo. Quem bate em mulher, é frouxo. E cabra frouxo é chifrudo. Pois eu vou arrumar um amante pra fazer comigo o que aquele chifrudo não é capaz de fazer. E tem que ser um amante negão. Crioulo e de pau bem grande. E tem que gostar de banana!

49 INT. QUARTO DO CEARÁ - DIA

49

Um golpe de uma PÁ esmaga violentamente uma banana sobre a cama.

GRITOS da mulher do Ceará.

Marreco pega a camiseta e agilmente abre a janela do quarto e escapa por ela ainda pelado.

(CONT.)

49 CONT.:

A Mulher tenta abotoar o vestido quando vê o Ceará vindo com a pá em direção a ela.

A Mulher cai. Tem sangue no rosto.

Pela janela, o Ceará vê Marreco correndo em direção a Busca-Pé.

50 EXT. RUA PRÓXIMA - DIA

50

Busca-Pé, entediado, está sentado ao lado do carrinho e peixe. Ele se liga ao ouvir os berros do irmão, que vira a esquina apenas de camiseta.

MARRECO

Busca-Pé! Busca-Pé!

Marreco chega junto a Busca-Pé, que começa a rir.

MARRECO (cont.)

Tira o calção.

BUSCA-PÉ

O quê?

MARRECO

Vai rápido. Faz o que eu tô mandando moleque.

BUSCA-PÉ

Nem fodendo que eu vou ficar pelado na rua.

Marreco tira a camiseta.

MARRECO

Veste aí, que em você fica comprida.

Busca-Pé hesita.

MARRECO (cont.)

Tu quer que eu morra. Vamo logo.

Envergonhado, Busca-Pé tira o calção e veste rapidamente a camiseta.

Começamos a ouvir uma SIRENE DE POLÍCIA se aproximando.

MARRECO (cont.)

Vai, Busca-Pé. O filho da puta deve ter me entregado pra polícia.

Marreco veste o calção de Busca-Pé e sai correndo.

51 EXT. DIANTE DA CASA DO CEARÁ - DIA 51

Um camburão da polícia pára diante da casa. O Ceará corre animado até o veículo. Dentro do camburão estão Cabeção e Touro.

O Ceará aponta a direção para onde correu Cabeleira.

CEARÁ
Ele foi pra lá.

O camburão arranca cantando pneu e pára e vai até a:

ESQUINA

O camburão pára ao lado de Busca-Pé, que aponta para o sentido contrário ao que correu Marreco.

BUSCA-PÉ
Ele foi pra lá.

O camburão sai a toda velocidade para o lado errado.

52 EXT. VIELA - DIA 52

Dadinho e Bené estão repartindo dinheiro roubado.

Marreco chega esbaforido.

MARRECO
Dadinho! Porra! Pensei que tu tava morto.
Tu tá cheio da grana. Passa essa grana aí
que eu preciso fugir.

DADINHO
A grana é nossa.

Marreco dá um tapa na cara de Dadinho e arranca o dinheiro dele.

MARRECO
Mandei passar a grana, moleque. Aí...
Avisa lá o Cabeleira que o Ceará chifrudo
tá entregando a gente pra polícia. Eu vou
sai saindo.

Marreco sai correndo.

53 INT. QUARTO DA CASA DO CEARÁ - NOITE 53

A Mulher do Ceará, toda machucada no rosto, está amordaçada e apavorada. Vemos apenas o rosto dela em CLOSE, de cabeça para baixo.

Ouve-se a voz do Ceará.

53 CONT.:

CEARÁ (OFF)

Tu tá pensando que eu vou ficar com fama de chifrudo. Tu tá muito enganada.

Ela tenta gritar. Começa a cair terra sobre o rosto dela.

Câmera abre, revelando que o Ceará está enterrando a mulher viva no lugar onde antes estava a cama do casal.

54 EXT. RUA - NOITE

54

Cabeleira e Dadinho caminham apressadamente. Cabeleira faz um agrado na cabeça de Dadinho, como se fosse o seu filho.

CABELEIRA

Que bom que tu tá vivo, rapá! Tu num sabe como eu fiquei preocupado... Agora, vamo lá... Me mostra quem é o chifrudo alcaguete filho da puta!

55 INT. BAR DO PINGÜIM - NOITE

55

JABÁ, nordestino, e Ceará estão jogando cartas. Ceará está completamente bêbado de cachaça.

JABÁ

Tá com algum problema, companheiro? Brigou com a mulher de novo?

Ceará ignora a pergunta.

CEARÁ

Traz outra branquinha aí, Pingüim!

JABÁ

Vai com calma, rapá! Tu já bebeu demais da conta!

O Ceará se levanta e vai em direção ao banheiro.

CEARÁ

Preciso mijar.

O Ceará entra pela porta do banheiro.

CORTA PARA:

Uma mão negra coloca o copo de cachaça violentamente sobre a mesa, derrubando a bebida sobre as cartas.

Jabá levanta enfurecido para protestar, mas dá de cara com um revólver apontado para o seu rosto. Quem segura o revólver é Cabeleira. Ao lado dele, está Dadinho.

CABELEIRA

É esse aí o otário alcaguete filho da puta?

(CONT.)

55 CONT.:

DADINHO

Ele mesmo!

JABÁ

Que conversa é essa? Eu não sou quem vocês
tão pensando, não.

CABELEIRA

Pra fora! E mão na cabeça!

A porta do banheiro se abre. O Ceará vê o que está acontecendo. Sua expressão é de pavor. Volta a fechar a porta e espia a cena por uma pequena fresta.

Jabá se levanta e caminha para fora do bar. Os fregueses apenas olham a cena.

56 EXT. PRAÇA - NOITE

56

Jabá sai do bar com as mãos na cabeça. Cabeleira e Dadinho vêm logo atrás.

Eles ficam próximos ao barracão de obras.

CABELEIRA

Pode parar aí! Vira de frente pra mim! Fica aqui embaixo da luz pra nego saber o que acontece com alcagüete.

Jabá obedece. Cabeleira entrega a arma para Dadinho.

CABELEIRA (CONT.)

Aí Dadinho, tu nunca matou ninguém! Passa o dedo-duro.

Dadinho segura a arma como se ela fosse um objeto mágico. Sua expressão é de absoluta felicidade.

JABÁ

Pelo amor de Deus! Eu não fiz nada contra vocês!

Dadinho atira e mata Jabá. Cabeleira olha para o menino com admiração e assombro.

57 EXT. RUA DO CONJUNTO - DIA

57

Berenice faz sinal para um carro que passa.

O carro dá uma freada brusca.

O Motorista, enfurecido, começa a xingar Berenice.

MOTORISTA

Qué morrê, condenada?

(CONT.)

57 CONT.:

No mesmo instante, Cabeleira aparece por trás do carro e encosta o cano de sua pistola na cabeça do motorista.

CABELEIRA

Condenado tá você se num fazer o que eu mandar. Fica com a mão na direção.

O Motorista obedece. Berenice entra no carro e vai para o banco de trás. Cabeleira, sempre apontando a arma para o motorista, dá volta e entra no carro, sentando no banco do passageiro.

MOTORISTA

Olha! Tá cheio de polícia aí virando a esquina...

Cabeleira encosta a arma na cabeça do Motorista.

CABELEIRA

Cala a boca e vamo embora.

MOTORISTA

Pra onde?

CABELEIRA

Pra longe daqui. Vai, pisa nessa merda.

O Motorista, assustado, acaba deixando o carro morrer.

CABELEIRA (cont.)

Tá de sacanagem, seu filho da puta?

O Motorista tenta dar a partida, mas acaba afogando o motor.

MOTORISTA

Pelo amor de Deus! Esse carro é uma merda. Tem vez que só pega no tranco.

BERENICE

Desce pra empurrar, Cabeleira.

Cabeleira desce do carro.

58 EXT. DIANTE DA CASA DO CEARÁ - DIA

58

Dois camburões estão parados diante da casa do Ceará. Uma pequena MULTIDÃO está aglomerada no local. Entre eles, está Busca-Pé, usando uniforme de escola pública.

59 EXT. DIANTE DA CASA DO CEARÁ - DIA

59

Dois SOLDADOS da PM saem da casa carregando o corpo da Mulher do Ceará.

A Vizinha conversa com Cabeção.

(CONT.)

59 CONT.:

VIZINHA

Ele batia nela, seu guarda. Dava sem dó. Eu sabia que ia acontecer uma desgraça.

O Ceará, cabisbaixo, é algemado por Touro.

CABEÇÃO

Pô, Ceará! Que é que tu foi fazer?

O Ceará levanta a cabeça para falar com Cabeção e vê ao longe:

PONTO DE VISTA DO Ceará

Na esquina, Cabeleira está empurrando o carro.

DIANTE DA CASA DO Ceará

CEARÁ

Olha lá, Cabeção! O bandido filho da puta!

Cabeção vê Cabeleira e sorri maliciosamente.

CABEÇÃO

Touro! Chegou a hora da gente acertar as contas com essa crioula.

Touro saca a arma.

NO CARRO

O motorista vira a chave no contato.

NA RUA

Cabeção engatilha a arma. Ele e Touro partem em direção ao carro.

NA ESQUINA

Cabeleira empurra com toda a sua força.

NO CARRO

Berenice vibra ao perceber que o motor pegou. O Motorista respira aliviado. Mas logo se assusta ao ver...

NA RUA

Cabeção e Touro caminham em direção ao carro, empunhando suas armas.

TOURO

Parado aí, seu filho da puta.

Touro dispara. O tiro atinge a lataria do carro.

(CONT.)

59 CONT.: (2)

NO CARRO

O Motorista acelera e sai com tudo.

NA ESQUINA

Cabeleira saca a arma, dispara e acerta Cabeção, que cai morto.

Cabeção dispara.

NO CARRO

Berenice olha para trás. E começa a chorar.

FADE OUT.

FADE IN.

NA MESMA ESQUINA

O corpo de Cabeleira está cercado por velas acesas.

Alguns moradores estão de pé, em volta do cadáver, rezando numa espécie de velório improvisado. Lúcia Maracanã está presente. Alicate reza.

Toda a cena é vista do ponto de vista do menino Busca-Pé, ainda vestindo o uniforme da escola.

Um FOTÓGRAFO meio seboso, de jornal sensacionalista, abre espaço entre os curiosos e começa a fotografar a cena. Ele se abaixa para registrar a cena de outro ângulo. Neste momento, vemos que o menino Busca-Pé está ao lado do fotógrafo.

FOTÓGRAFO

Chega um pouco pra lá, garoto.

O menino Busca-Pé fica maravilhado com a câmera fotográfica.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Tudo de que eu me lembro do dia da morte do Cabeleira é uma confusão de gente... E uma câmera fotográfica...

Barbantino, afastado da confusão, chama Busca-Pé.

Busca-Pé vai se afastando da câmera, caminhando em direção a Barbantino.

Um carro passa entre ele e a câmera.

Quando o carro sai de quadro, percebemos uma passagem de tempo:

BUSCA-PÉ, agora com 16 anos, está caminhando no mesmo sentido que o pequeno Busca-Pé e usando uniforme de escola pública.

(CONT.)

59 CONT.: (3)

A paisagem está um pouco mudada: as casas têm outras cores, muros e lajes.

Busca-Pé encontra BARBANTINHO, também com 16 anos, vindo no sentido oposto, e também usando uniforme de escola pública.

BARBANTINHO
Aí, Busca-Pé! Tá indo pra escola?

BUSCA-PÉ
Tô.

BARBANTINHO
Eu tô voltando de lá. Vem comigo.

BUSCA-PÉ
Pra onde?

FUSÃO PARA:

60 EXT. PRAIA - DIA

60

Vários uniformes escolares dobrados ou simplesmente jogados sobre a areia da praia.

Câmera sobe, revelando Busca-Pé e Barbantinho tirando os uniformes. Eles usam sungas no lugar das cuecas.

Busca-Pé pega na mochila uma camerazinha tipo Xereta

CARACTERES em superposição: ANOS 70

BUSCA-PÉ (V.O.)
Eu cresci parado na idéia de um dia ter uma câmera fotográfica. E como todo pobre, eu tive que começar de baixo: eu consegui comprar a câmera mais vagabunda do mundo.

MULHERES de biquini passam diante deles: bronzeadas, lindas, gostosas.

Busca-Pé e Barbantinho olham "babando". Busca-Pé começa a enquadrar.

PONTO DE VISTA DA CÂMERA DE BUSCA-PÉ

Mulheres na praia.

BARBANTINHO (em off)
É por isso que eu quero ser salva-vidas. Já pensou? Um dia inteiro na praia, vendo passar essas... essas...

Volta para os dois.

(CONT.)

BUSCA-PÉ
Essas...

BARBANTINHO
Busca-Pé, me diz uma coisa. Tu continua só
na mão ou já...

Busca-Pé fica constrangido. Mas antes que a conversa continue, uma voz feminina faz Busca-Pé desviar o olhar.

Ele volta a olhar pela câmera.

PONTO DE VISTA DA CÂMERA DE BUSCA-PÉ

ANGÉLICA - mais ou menos 15 anos, branca, bonita e sexy - está acenando para Busca-Pé, está saindo do mar e caminhando em direção a eles.

BUSCA-PÉ (V.O.)
Ai, Angélica... Como eu era louco por ela. Todo mundo sabia que ela, além de linda, era a única cocota que transava. E eu tava louco para perder a virgindade com ela.

Volta para Busca-Pé, com cara de apaixonado. Barbantinho dá uma chacoalhada nele.

BARBANTINHO
Justo com ela, Busca-Pé? Ela já tem namorado.

BUSCA-PÉ
E daí?

BARBANTINHO
O pai dela é sargento do exército!

BUSCA-PÉ
Ninguém é perfeito.

Busca-Pé enquadra Angélica mais uma vez.

Ouve-se clique ao mesmo tempo em que o movimento do obturador funciona como cortina de transição para:

Vários COCOTAS -- rapazes e moças -- fazendo pose para Busca-Pé. Entre eles, está Angélica:

Há uma evidente troca de olhares entre ela e Busca-Pé.

Afastado da turma está Barbantinho -- agora também com 16 anos. Ele está fazendo flexões para parecer mais musculoso na foto.

BUSCA-PÉ
Vamos lá, Barbantinho. Pára com essa viadagem.

Barbantino vai se juntar ao grupo. Antes de se juntar ao grupo ele checa os músculos do peito para ver se estão maiores.

Por trás de Angélica, chega THIAGO, branco, 17 anos. Ele está todo molhado. Encoxa Angélica, que leva um susto, e dá um beijo nela. Um beijo que ela corresponde.

Busca-Pé faz cara de triste e bate a foto.

Imagem do grupo de amigos em still. A foto revela que Busca-Pé tem um olhar de fotógrafo: há uma luz especial no rosto de Angélica. E Thiago, de alguma maneira, aparece diminuído na foto ou uma sombra cobre o rosto dele.

BUSCA-PÉ (V.O.) (CONT.)

Mas, mesmo assim, eu era uma espécie de fotógrafo oficial da minha turma: a turma dos cocotas.

CORTA PARA:

NA MESMA PRAIA

Os cocotas tomam sol na areia. Angélica e Thiago abraços. Não há dúvida: eles são namorados. Busca-Pé mal consegue tirar os olhos dela, que não passa totalmente despercebido para Thiago.

BUSCA-PÉ

Tô na maior segura!

THIAGO

Deixa de ser chincheiro, rapá! Maconha não tá com nada! O negócio agora é cheirar.

ANGÉLICA

Pô, Thiago! Tu só fala em cheirar, o tempo todo! Eu prefiro ficar no baseado, manero. Morou?

Busca-Pé se aproxima de Angélica.

BUSCA-PÉ

Se tu tá a afim, eu vou buscar um baseado pra você!

Angélica apenas sorri.

Thiago, enciumado, entra no meio dos dois.

THIAGO

Eu tô mais a fim de cheirar um branco. É tóchico de verdade!

Quase como se tivessem combinado, Busca-Pé e Angélica corrigem juntos a pronúncia de Thiago.

(CONT.)

BUSCA-PÉ
É tó-csi-co!

ANGÉLICA
É tó-csi-co!

Busca-Pé e Angélica se olham e riem. Busca-Pé com cara de apaixonado.

Thiago fica visivelmente enciumado. Ele não consegue disfarçar a raiva. Ele se levanta bruscamente, e dá um beijo forçado em Angélica, que o rechaça.

ANGÉLICA
Ai! Tu tá com a boca salgada.

Thiago provoca Barbantinho para escapar da situação.

THIAGO
Qualé, Barbantinho? Tu quer ser salva-vida que nem teu pai, mas só fica aí na ginástica! Tu tem é medo de água.

BARBANTINHO
Fica na tua!

THIAGO
Aí, mermão! Aposto uma cerveja como tu não sabe nadar melhor que eu.

BARBANTINHO
Tá valendo!

Barbantinho e Thiago correm em direção ao mar.

Busca-Pé aproveita para se aproximar de Angélica.

BUSCA-PÉ
É o seguinte, Angélica... Se tu tá mermo a fim de dar um catranco, eu busco um especial pra você lá na boca do Neguinho.

Angélica dá um beijinho nos lábios de Busca-Pé.

BUSCA-PÉ (V.O.) (CONT.)
Naquele momento, eu senti que faria qualquer negócio pra agradar aquela mina... Comprar fumo, comprar pó... Qualquer coisa...
(CONT.)

Geral dos prédios Apês, com Busca-Pé caminhando.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)
Mas se eu soubesse quem eu ia encontrar, lá nos Apês, justamente...
(CONT.)

62 INT. BOCA-DE-FUMO DOS APÊS - DIA

62

Neguinho -- um malandro negro e franzino, que usa óculos escuros, cordão e pulseiras de ouro -- está endolando maconha e cheirando cocaína. Dois VAPORES de menos de 10 anos ajudam o traficante na tarefa.

Busca-Pé está presente, contando dinheiro que tem para comprar maconha.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)
(...) na boca do meu chegado, o Neguinho,
eu juro que eu não teria ido lá. Nem pela
Angélica.

Alguém bate violentamente na porta. Neguinho estranha.

NEGUINHO
Quem tá aí?

Em vez da resposta, Neguinho ouve novas batidas na porta. Desta vez, elas soam mais alto e mais violentas.

Neguinho pega uma arma e faz sinal para um dos vapores abrir a porta.

Busca-Pé fica apavorado.

Um dos vapores, um menino com menos de 10 anos, abre a porta. Neguinho respira aliviado e abaixa arma. Por enquanto, não revelamos a identidade dos visitantes. Apenas ouvimos uma voz aguda:

ZÉ PEQUENO (OFF)
Qualé, Neguinho?

Busca-Pé olha para o ponto de onde vem a voz e se assusta mais ainda.

Neguinho, ao contrário, se tranqüiliza.

NEGUINHO
Porra, cumpádi! Como é que vocês chegam
desse jeito na minha boca?

A mesma voz soa agora ameaçadora:

ZÉ PEQUENO (OFF)
Quem foi que falou que essa boca é tua?

Neguinho faz cara de apavorado.

Imagem em still.

FUSÃO PARA:

Sucessão de ações com a câmera registrando sempre no mesmo ângulo a Boca dos Apês.

Os personagens que vão sendo apresentados na narração de Busca-Pé aparecem e somem como fantasmas.

O ambiente pouco muda: uma mesa aparece ora num lugar ora em outro; há mais ou menos móveis e objetos em um momento ou outro; mais ou menos armas etc.

No começo, vemos apenas um colchão.

BUSCA-PÉ (V.O.)

A boca-de-fumo dos Apês é uma história à parte...

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

VELHA BÁ -- uma mulher de aproximadamente 40 anos -- fazendo sexo oral com o jovem mulato GRANDE.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (CONT.)

Quem começou a usar aquele apartamento dos Apês pra vender droga foi a Velha Bá. Às vezes ela dava droga pra molecada, em troca de algum favor especial... O favorito era moleque chamado Grande!

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

Grande, agora adulto, muito alto e com cara de poucos amigos, expulsa a Velha Bá com um chute na bunda.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Daí, o Grande cresceu... O esquema da Bá era tão amador, que foi fácil pra ele tomar conta do negócio...

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

SANDRO CENOURA -- um menino branco, sua muito, está apenas de calção (ou seja: sem camisa e descalço). Ele tem em volta do pescoço um TRAPO BRANCO sujo e rasgado, que ele usa para enxugar o suor do rosto e do peito.

Cenoura recebe trouxinhas de maconha de Grande. Na boca também estão presentes outros moleques.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

O Grande usava a molecada dos Apês pra trabalhar vapor. Eles é que levavam a droga pelo conjunto. O vapor mais esperto da boca do Grande era um moleque branco e seboso chamado Sandro Cenoura.

(CONT.)

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

Sandro Cenoura -- agora com uns dezesseis anos e melhor vestido -- recebe de Grande uma TOALHA DE ROSTO branca: Grande tira o trapo que está em volta do pescoço de Cenoura e, ritualisticamente, o substitui pela toalha nova.

Observando a cena, está o jovem Neguinho, futuro dono da boca.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

O Cenoura ganhou a confiança do Grande. Foi subindo de posto, seguiu direitinho o plano de carreira do tráfico... até virar gerente da boca...

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

O ambiente está repleto de vapores fazendo trouxinhas de maconha. Entre eles, destaca-se Neguinho.

Cenoura, já com uns 18 anos, -- sempre enxugando o suor com a toalha branca -- está recebendo a visita do amigo ARISTÓTELES, também branco e mais ou menos da mesma idade de Cenoura.

Cenoura oferece um baseado já aceso para Aristóteles, que fuma com prazer.

Cenoura é sem dúvida o manda-chuva do pedaço.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Um dia Cenoura recebeu na boca um amigo dele de infância: o Aristóteles. Numa época em que Cenoura tinha sido expulso de casa pelo pai, a família do Aristóteles deu guarida pra ele: casa, comida e roupa lavada. Agora, era o Aristóteles que tava precisando de ajuda...

ARISTÓTELES

Meu irmão, vou te dar um papo responsa, morou? O caso é o seguinte: tô desempregado, minha mina tá tendo aí que fazer uma operação dum caroço que apareceu aí na barriga dela, tá sabendo?

CENOURA

Quer dinheiro?

ARISTÓTELES

Não! Quero que tu me arruma um peso pra eu passar aí no sapatinho, sabe qualé? Tu me dá o peso que eu vendo rapidinho.

Cenoura entrega um pacote grande de maconha para Aristóteles.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Cenoura deu um força pro Aristóteles... Só que nunca mais viu o dinheiro da maconha que ele tinha passado pro amigo.

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

Cenoura e Grande sozinhos na boca. Cenoura está cabisbaixo e suando mais do que de costume: não pára de se enxugar com a toalha.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

E teve que se explicar pro Grande...

Grande fala com frieza e solenidade:

GRANDE

Ou tu passa o cara. Ou eu te passo você.

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

Cenoura aponta uma arma contra a cabeça de Aristóteles que, de joelhos, implora por clemência.

ARISTÓTELES

Porra, mermão! A gente é amigo! Tu tem que me dá uma chance, porra! Cenoura, me escut...

Cenoura dispara, e chora sobre o cadáver de Aristóteles.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O Cenoura não teve escolha... Também, uma história com um cara chamado Aristóteles, só podia acabar em tragédia. O Cenoura sentiu vontade de matar o Grande, mas nem precisou...

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

Cabeção e outros policiais levam Grande preso.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

O Grande foi preso pelos samangos e morreu na cadeia.

EFEITO DE TRANSIÇÃO.

Sandro Cenoura está conversando com Neguinho.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

O Cenoura tomou conta de tudo o que era do Grande. Mas não quis ficar com a boca dos Apês. Pra ele, aquele lugar era maldito. O Cenoura deixou a boca pro vapor que ele mais confiava.

CENOURA

Aí, Neguinho. Tu é meu homem de confiança. Eu vou montar outra boca lá na Quinze. Tu me passa uma parte do que tu faturar aqui. É só tu respeitar meu território que num vai ter arengação. Combinado.

Neguinho sorri radiante.

FUSÃO PARA:

Voltamos à mesma ação que deu início ao flash-back, vista agora de um outro ponto de vista.

Vemos a cara de pânico de Neguinho.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Foi assim que boca-de-fumo dos Apês ficou na mão do Neguinho. Mas isso também não foi por muito tempo...

Uma vez mais, ouvimos a voz aguda e ameaçadora:

ZÉ PEQUENO (OFF)

Quem foi que falou que essa boca é tua?

NEGUINHO

Qualé, Dadinho? Tu...

Finalmente revelamos o dono da voz: Dadinho -- agora com 18 anos e com o nome de Zé Pequeno. Atrás dele estão BENÉ -- mesma faixa etária -- e TUBA -- um pouco mais jovem e com jeito de bobo.

ZÉ PEQUENO

Dadinho o caralho! Meu nome agora é Zé Pequeno, tá entendendo?

EFEITO: close de Zé Pequeno em still.

63 ARTE - CARTELA

63

Texto enche a tela: A HISTÓRIA DE ZÉ PEQUENO

64 EXT. DIANTE DO MOTEL - NOITE - FLASH-BACK

64

FUNDIMOS o rosto de Zé Pequeno ao de Dadinho, também em STILL, retomando a cena do assalto ao motel.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Zé Pequeno sempre quis ser o dono da Cidade de Deus. Desde os tempos de moleque, quando ele ainda se chamava Dadinho...

Imagem ganha movimento.

Dadinho olha pra um lado e para o outro. Não vê nada. Tudo está calmo.

(CONT.)

64 CONT.:

DADINHO

Porra! Eu é que não vou ficar de bobó aqui fora.

Dadinho dispara contra o vidro.

65 EXT. MOTEL - NOITE - REPLAY

65

Os bandidos do lado de fora das suítes, entre os carros estacionados.

Ouve-se o TIRO de alerta.

CABELEIRA

Sujou, cambada. Vamo simbora!

66 INT. COZINHA DO MOTEL - NOITE

66

Dadinho executa os funcionários que estão amarrados.

67 INT. QUARTO DO MOTEL - NOITE

67

Dadinho entra no mesmo quarto assaltado antes por Cabeleira. O Homem está consolando a Mulher, que chora.

HOMEM

Porra! Outra vez? Teu amigo já levou tudo o que eu tinha! Sai fora daqui moleque!

Dadinho dá sua risada característica, enquanto dispara sua arma, matando o casal.

68 EXT. LARGO DO SÃO FRANCISCO - DIA

68

Bené está engraxando o sapato de um FREGUÊS -- um senhor de uns 50 anos, com uma cara bem simpática.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Depois do assalto do motel, o Dadinho deu um tempo fora da Cidade de Deus. E teve que dar duro pra descolar um pichulé...

FREGUÊS

Faz tempo que você trabalha de engraxate, menino?

BENÉ

Que mané engraxate, o quê! Trabalhar é coisa de otário.

O Freguês não entende.

FREGUÊS

Como assim, menino?

68 CONT.:

BENÉ

Otário assim... como tu mermo, rapá!

O Freguês leva uma PAULADA na cabeça.

Vemos Dadinho, com um pedaço de pau na mão, e mais um GAROTO atrás do Freguês desmaiado. Eles roubam a carteira e o relógio do Freguês, que se contorce de dor no chão.

69 EXT. VIELA - DIA / FLASH BACK

69

Replay de trechos da cena em que Dadinho e Bené estão repartindo dinheiro roubado.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

O problema era encontrar algum bicho-solto que mandasse no pedaço,

Marreco chega esbaforido.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Como o meu irmão... o Marreco.

MARRECO

Passa essa grana aí que eu preciso fugir.

DADINHO

A grana é nossa.

Marreco dá um tapa na cara de Dadinho e arranca o dinheiro dele.

MARRECO

Mandei passar a grana, moleque..

Marreco sai correndo.

Marreco e começa a se afastar, quando ouve a voz de Dadinho.

DADINHO (OFF)

Aí, meu cumpádi! Tem um outro negócio aqui pra tu levar...

Marreco se vira, e se espanta.

Dadinho aponta uma arma na direção dele. Marreco tenta fugir, mas é baleado nas costas.

Dadinho vai até Marreco, que se contorce de dor. Dadinho descarrega a arma no bandido ferido, dando sua risada característica.

FUSÕES SUCESSIVAS mostram Dadinho, na mesma posição, atirando e rindo, ficando MAIS VELHO, até chegar aos dezoito anos.

70 INT. SALÃO DE BAILE - NOITE

70

O local está lotado de gente. Quase todos com cara de bandido. Dadinho e Bené entram com pose de donos do pedaço.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Dadinho virou um dos assaltantes mais procurados do Rio de Janeiro. Com dezoito anos, ele era o bandido mais respeitado na Cidade de Deus.

Dadinho é cumprimentado por todos, sempre com muita deferência, especialmente por Tuba, que não se cansa de cumprimentar o bandido e resiste em soltar-lhe a mão.

TUBA

Parabéns, Dadinho! Parabéns, memo, rapá. Puxa, dezoito anos, hem! Feliz aniversário e tudo de bom... Parabéns de verdade...

Dadinho se livra do aperto de mão de Tuba.

DADINHO

Cala a boca, rapá!

Dadinho vê alguém. Dá sua gargalhada perversa. E vai ao encontro de MANÉ GALINHA, um jovem muito bonito, de olhos azuis, pele escura e cabelo liso. Ele está numa rodinha com 3 MULHERES, as mais bonitas do baile.

DADINHO (cont.)

Aí, bonitão! Sempre com as gostosas, né? Mas macho mermo tu não é. Tá certo?

Galinha vira as costas.

Dadinho dá um tapa na cabeça dele.

DADINHO (cont.)

Tô falando com você, viado de merda.

As mulheres se afastam. Uma roda de curiosos se forma em volta. Dadinho dá um tapa forte na cara de Galinha.

DADINHO (cont.)

Se tu virar as costas pra mim de novo, vai levar tiro.

Clima geral de constrangimento. Só Pequeno ri da humilhação de Mané Galinha.

Bené chega e segura Dadinho.

BENÉ

Deixa disso, rapá.

Galinha se afasta.

(CONT.)

70 CONT.:

Bené olha para flertando para uma das moças: MOSCA, sua futura mulher.

Dadinho leva Bené para um canto afastado.

DADINHO

Aí, Bené! Chega mais! Quem é que é mais chinfreiro no meio da bandidagem?

PONTO DE VISTA DE BENÉ:

Vemos bandidos bem-vestidos e usando correntes e relógios de ouro. Entre eles, destaque para Sandro Cenoura e Neguinho.

DADINHO (OFF) (cont.)

Tu tá vendo o Cenoura?... Tu tá vendo o Neguinho?... O Sérgio Dezenove, Chevete, Jerry Adriane, Espada Incerta... Tu tá vendo tudo esses cara de roupa de marca e cheio de grana?

Voltamos para os dois.

Enquanto Dadinho fala, Bené fica paquerando Mosca à distância, trocando olhares.

DADINHO (CONT.)

Tudo traficante, mermão! Assaltar não tem futuro. Se a gente queremos mandar na Cidade de Deus, o negócio é vender droga. A gente vamo tomar as boca-de-fumo de todo mundo aqui, meu cumpádi. E vamo começar a vender do branco, que é isso que os playboy tão querendo.

Bené ri do amigo. Pensa que Dadinho está brincando, e ironiza:

BENÉ

Tá certo, mermão! E a gente vamo começa quando?

DADINHO

Agora mermo.

71 INT. TERREIRO DE UMBANDA - NOITE

71

Cerimônia de umbanda. Dadinho, acompanhado por Bené, consulta o Exu.

EXU

Eu sou o Diabo, moleco! Se quiser eu te tiro desse buraco, esse, boto suncê num lugar formosado, esse, mas, se tu fuder comigo, vamo lá.

(CONT.)

(CONT.)

71 CONT.:

EXU (cont.)
 Eu te dou proteção de balador de atirador,
 esse, te tiro das garras de butina preta,
 esse, boto zimbrador no teu bolso e mostro
 os inimigado, esse. Só quero uma garrafa de
 marafo e um toco, esse... Não precisa
 falador, esse, não, pensa no que tu quer.
 (CONT.)

Dadinho fecha os olhos e se concentra. O Exu parece ler os
 pensamentos do bandido.

Zé Pequeno dá um sorriso "ambicioso".

EXU (cont.)
 Tu agora num vai se chamá Dadinho... Tu
 agora vai ser chamado com o nome que eu
 quero que tu seja chamado, esse... Tu agora
 vai se chamá Zé Pequeno.

FIM DO FLASH-BACK.

72 INT. BOCA-DE-FUMO DOS APÊS - DIA

72

Retomamos a cena que deu origem ao flash-back.

Zé Pequeno ameaça Neguinho.

ZÉ PEQUENO
 Dadinho o caralho! Meu nome agora é Zé
 Pequeno, tá entendendo?

TUBA
 O nome dele é Zé Pequeno, tá entendendo?

Pequeno saca a arma e aponta contra a cabeça de Neguinho.

Bené intervém.

BENÉ
 Não tem que passar o cara, Pequeno. Ele já
 viu que tu é que manda aqui agora.

NEGUINHO
 É isso, cumpádi! Quem manda na boca é tu
 mermo! Eu vou sair saindo.

Zé Pequeno dá um tiro no pé de Neguinho.

ZÉ PEQUENO
 Tu vai ficar vivo. Mas tu vai ficar vivo
 aqui mermo. Tu vai trabalhar pra nós. Se
 tu voltar pra boca do Cenoura, tu morre, tá
 ligado?

Neguinho, sofrendo com a dor, concorda apenas com um movimento
 de cabeça.

(CONT.)

Busca-Pé, que assiste a tudo calado, vê sobre a mesa um revólver. Zé Pequeno está de costas para ele. Busca-Pé percebe a oportunidade.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O certo seria eu aproveitar aquela chance pra vingar a morte do meu irmão. Tem gente que pensa que pra quem nasce na favela é fácil pegar um berro e sair atirando.

Em vez de pegar a arma, Busca-Pé começa a se afastar sorrateiramente em direção à porta.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Putá pensamento idiota...

Zé Pequeno se vira e aponta a arma para Busca-Pé.

ZÉ PEQUENO

Tu tá pensando que vai aonde?

Bené segura o braço de Pequeno.

BENÉ

O cara é do conceito. É o Busca-Pé.

Pequeno dá a risada sinistra.

ZÉ PEQUENO

Tu que era irmão do Marreco, né.

Busca-Pé só assente com a cabeça, temendo pelo pior.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Sai saindo. E diz pra todo mundo que a boca dos Apê é do Zé Pequeno. E que já táo vendendo pó.

Um jovem PLAYBOY branco se aproxima de um MOLEQUE.

PLAYBOY

Onde é que tá o movimento?

O Moleque aponta para uma direção qualquer.

CÂMERA CORRIGE PARA:

Cena clipada, mostrando o movimento de consumidores de drogas na boca dos Apês. São pessoas de todos tipos, de todas as classes sociais.

Pára um CARRO e 2 MOLEQUES levam o pó.

Um garoto entrega uma arma e leva papelotes em troca.

HOMEM DE 40 ANOS bem vestido se informa com Menino.

GAROTÃO dá dinheiro. Pequeno, que vai passando, pede também o relógio. O Garotão entrega. Pequeno, simpático, tira o pó da mão do VAPOR e dá para o Garotão.

Thiago pára de bicicleta, negocia, e compra.

Jovens entram levando nas mãos dinheiro, objetos de ouro e armas. E saem com trouxinhas de droga.

O pequeno FILÉ COM FRITAS passa de mãos dadas com MÃE dele. Faz um tchauzinho para Bené e Pequeno. A Mãe puxa com força a mão do menino, deixando claro que ela não quer que ele se envolva com aquela turma.

BUSCA-PÉ (V.O.)

A boca dos Apês decolou rapidinho. Era fácil de chegar nela até pra quem era de fora da Cidade de Deus. Pra quem era playboy, ficou fácil conseguir um branco manero. Pra mim é que a situação foi ficando mais difícil.

Busca-Pé vira uma esquina e vê, no meio da rua, Zé Pequeno, Bené e outros bandidos.

Ele volta por onde veio e começa a dar a volta no bloco.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Eu morria de medo do Zé Pequeno... E ele ia tomando conta do pedaço. Eu fazia possível pra não cruzar o meu caminho com o dele.

Mapa estilizado da Cidade de Deus indicando a localização das bocas. Efeito de animação acompanha a narração de Busca-Pé de maneira a ilustrar o crescimento da área de Zé Pequeno.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

A boca dos Apês era pouco pro bandido. Ele logo tomou outra boca que tinha na Treze, do Jerry Adriane.

Justaposição de Jerry Adriane caído no chão, cercado por Zé Pequeno e outros bandidos.

ZÉ PEQUENO

Ataque soviético nele.

Os bandidos disparam.

No mapa, boca de Lá Embaixo é sinalizada.

74 CONT.:

BUSCA-PÉ (V.O.)

Depois tomou a boca do Espada Incerta, que ficava Lá Embaixo.

Justaposição de Zé Pequeno matando Espada Incerta junto ao barracão de obras, sob a luz, tal como na execução de Jabá.

No mapa, novas bocas são sinalizadas.

BUSCA-PÉ (V.O.cont.) (cont.)

Zé Pequeno montou mais duas bocas em volta dos Apês. Por onde eu fosse, lá tava o Zé Pequeno. O bandido só não mandava lá na Quinze: o território do Sandro Cenoura.

75 EXT. BOCA DE CENOURA - DIA 75

Busca-Pé comprando droga de Sandro Cenoura.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Cada vez que eu queria fumar um baseado, eu tinha que subir até a Quinze, na boca do Sandro Cenoura.

76 EXT. RUA DO CONJUNTO - DIA 76

Busca-Pé correndo pela rua ansioso.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Mas o sacrifício valia a pena. Porque eu só fumava...

77 EXT. FIGUEIRA MAL-ASSOMBRADA - DIA 77

Busca-Pé acende um baseado e passa para Angélica, que está olhando as fotos que ele fez na praia. Ela fuma. Ele fuma. Eles se beijam.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

... quando eu tava com a Angélica. Assim que ela dispensou o Thiago, eu caí matando. E conquistei o coração da mina.

ANGÉLICA

Busca-Pé, tuas fotos são lindas. Tu leva o maior jeito.

Busca-Pé mal consegue disfarçar a vaidade.

BUSCA-PÉ

Tu acha mesmo?

ANGÉLICA

Claro que sim. Olha só...

(CONT.)

PONTO DE VISTA DE ANGÉLICA

O dedo de Angélica vai mostrando detalhes da foto: Thiago aparece diminuído ou coberto por uma sombra e há uma luz especial sobre o rosto de Angélica.

ANGÉLICA (OFF cont.) (cont.)
Olha que bonita que eu saí...

BUSCA-PÉ (OFF)
Você é linda.

ANGÉLICA (OFF)
Tô falando sério. E olha o Thiago, como ficou sem graça.

Volta para dois, muito agarradinhos.

BUSCA-PÉ
Ele é sem graça.

Busca-Pé olha nos olhos de Angélica. Ela faz uma cara de safada. Ele se move de maneira a dar a entender que ela está abrindo o zíper da calça dele.

Busca-Pé sua. Está excitado, mas, ao mesmo tempo, tenso. Ele segura um dos peitos de Angélica. Na outra mão, ainda segura o baseado. Vai dar um beijo nela quando...

OTÁVIO e LAMPIÃO e mais outros 4 MOLEQUES bandidos, passam pela Figueira e topam com Busca-Pé e Angélica. Ela se assusta. Busca-Pé, também, mas tenta disfarçar o medo.

A molecada cerca Busca-Pé e Angélica.

OTÁVIO
Aí! Dá pra gente experimentar o bagulho.

Busca-Pé passa o baseado para Otávio. Ele dá uma tragada e passa o baseado para Lampião.

Angélica, assustada, se levanta, se ajeita e sai correndo.

Busca-Pé vai atrás.

BUSCA-PÉ
Angélica, espera aí!

Otávio não entende nada. Mas agradece num grito.

OTÁVIO
Valeu, cumpádi. Tu é legal pra caramba, hem?

78 ARTE - CARTELA 78

Texto enche a tela: BENÉ E OS COCOTAS

79 EXT. DIANTE DA BOCA DOS APÊS - DIA 79

Thiago entrega Neguinho -- que está visivelmente mal-humorado -- uma corrente de ouro e um relógio e recebe em troca trouxinhas de cocaína.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Depois que levou o fora da Angélica, o Thiago tava cada vez mais ligado em cocaína. Diziam até que ele andava roubando dinheiro e coisas da casa dele para comprar droga na boca dos Apês.

Bené está por perto, recebendo um sanduíche das mãos de Filé com Fritas. Bené dá dinheiro para Filé com Fritas e faz um cafuné rápido na cabeça do garoto, que sorri agradecido.

Bené olha Thiago de um jeito estranho.

PONTO DE VISTA DE BENÉ:

O olhar de Bené "analisa" o visual de Thiago: tênis Adidas, short Pier, camiseta Hang Ten, cabelo encaracolado.

Thiago está montando em sua BICICLETA DE 10 MARCHAS, quando percebe o olhar estranho de Bené, fica meio desconfiado, e acaba derrubando a BICICLETA de Neguinho -- também de 10 marchas --, que está por perto.

Neguinho se irrita e empurra Thiago.

NEGUINHO

Qualé branquelo? Tu tá a fim de fuder comigo?

Thiago deixa cair a sua bicicleta para levantar a de Neguinho, sem deixar de notar que continua sendo observado estranhamente por Bené.

THIAGO

Desculpa aí, meu cumpádi!

NEGUINHO

Cumpádi o caralho! Batizei algum filho teu? Vamo saindo aí, rapá. Rapidinho.

Thiago monta na sua bicicleta, empina a dianteira com extrema perícia e sai pedalando.

Bené, logo em seguida, monta na bicicleta de Neguinho.

79 CONT.:

BENÉ

Aí, Neguinho! Me empresta tua magrela pra eu dar uma banda.

NEGUINHO

Vai fundo, Bené.

Bené sai pedalando meio desajeitado atrás de Thiago.

80 EXT. RUAS NAS PROXIMIDADES DA BOCA - DIA

80

Thiago pedala tranqüilamente, sem perceber que está sendo seguido por Bené. O clima é de tensão. Bené pedala cada vez mais rápido, alcançando Thiago rapidamente.

Thiago leva um SUSTO ao ver Bené emparelhado com ele, perde o equilíbrio e quase cai.

Eles param lado a lado.

BENÉ

Aí, meu cumpádi! vamo fazer uma corrida aí nós dois.

Thiago tenta disfarçar o medo falando firme.

THIAGO

Tu diz até aonde...

BENÉ

A gente vamo até as Últimas Triagens e depois volta pra cá. Tá pronto?

THIAGO

Na hora que tu quiser.

BENÉ

Um... dois... três... Já!

Thiago sai na frente e começa a se distanciar rapidamente de Bené.

Ele olha para trás, e vê que está ganhando fácil. Em vez de se empolgar, fica preocupado.

Thiago dá um sutil brecadinha para perder velocidade.

Quando Bené consegue ultrapassá-lo, Thiago respira aliviado.

Bené ganha a corrida.

Ele pára sua bicicleta, e espera Thiago chegar até ele. A expressão do bandido é mais simpática que antes.

BENÉ (CONT.)

Tá pensando que é mole?

(CONT.)

THIAGO
É, tu é foda mermo!

BENÉ
Aí, tu comprou esse tênis aonde?

THIAGO
Comprei lá em Madureira.

BENÉ
E a camisa?

THIAGO
Na Sul. É tudo roupa de marca.

BENÉ
Aí, se eu te der o dinheiro tu compra lá pra mim?

THIAGO
Compro. Tu quer uma camiseta, um short e um tênis, né?

Bené tira do calção um EMBRULHO CILÍNDRICO e o entrega a Thiago.

BENÉ
Me traz umas calça de marca, também... Aí, pode comprar tudo o que der com esse dinheiro...

Thiago desenrola o embrulho fica perplexo com quantidade de dinheiro que tem nas mãos.

THIAGO
Que tamanho que você usa?

BENÉ
Sei lá. Mede aí.

THIAGO
Com quê?

BENÉ
Com palmo, porra.

Com um certo receio de tocar no bandido, Thiago começa a tomar as medidas de Bené usando com padrão o palmo.

Começa a tocar "Metamorfose Ambulante", de Raul Seixas.

81 INT. CORREDOR DO CAFOFO - NOITE

81

Continua o som de Raul Seixas. Espalhadas pelo chão, dúzias de camisetas, shorts, calças e pares de tênis.

Thiago e Mosca -- mulher de Bené -- estão encaracolando o cabelo de Bené, sem revelar exatamente o que eles estão fazendo.

82 INT. CORREDOR DO CAFOFO DE ZÉ PEQUENO - DIA

82

Bené está diante de Zé Pequeno, Neguinho e Tuba, exibindo seu novo visual. Os cabelos dele estão encaracolados.

BENÉ
Virei playboy!

Ninguém sabe como reagir. Olham para Pequeno.

ZÉ PEQUENO
Aí, rapaziada! Tem que tomar cuidado no pedaço agora. Cocotã bota ovo depois que balança a bundinha no baile!

Pequeno começa a rir. Os bandidos caem na gargalhada.

TUBA
É... Balança a bundinha...

Os bandidos riem mais ainda. E começam a imitar os sons e movimentos das galinhas.

Bené saca a arma e atira no chão, quase acertando o pé de Tuba.

Os bandidos saem correndo e rindo, perseguidos por Bené, que continua disparando.

83 INT. SALÃO DE BAILE - NOITE

83

Cena mostra Bené como elemento de ligação entre bandidos e cocotas.

Todos se misturam numa parte do salão. Todos bebem cerveja à vontade. Além de fumar maconha e cheirar cocaína.

Bené é querido por todos.

Busca-Pé chega de mãos dadas com Angélica. Eles saúdam Barbantinho, que faz o som da festa.

Angélica está bastante à vontade em meio a tantos bandidos.

BUSCA-PÉ
Fica tranqüilo. A rapaziada aqui me considera do conceito.

ANGÉLICA
Eu tô na boa, Busca-Pé. Relaxa.

Angélica se afasta um pouco. Busca-Pé sussurra para Barbantinho.

BUSCA-PÉ
E aí? Não vai ter ninguém na tua casa, mesmo?

BARBANTINHO

Ninguém, rapá. Tu pode levar o broto pra lá e ó... Quebrar esse teu cabaço aí.

BUSCA-PÉ

Fala baixo, Barbantinho.

Bené passa por eles. Busca-Pé o cumprimenta com reverência.

BUSCA-PÉ (cont.)

E aí, Bené!

Neste momento, Angélica volta para perto de Busca-Pé. Bené e Angélica trocam olhares e sorrisos. Busca-Pé fica enciumado.

Câmera acompanha Bené, que é saudado efusivamente por onde passa.

BUSCA-PÉ (V.O.) (CONT.)

Bené era o bandido mais responsa da Cidade de Deus. Ele vivia pagando cerveja pra todo mundo. Distribuía maconha e cocaína à vontade.

(CONT.)

Bené encontra Thiago. Eles se abraçam. Apontam na direção de Busca-Pé e Angélica. E caminham em direção a eles. Busca-Pé faz cara de quem, no mínimo, vai levar uma surra.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Meu único problema era que a amizade entre o Bené e o Thiago. O Thiago ainda tava de bronca comigo por causa da Angélica. E se o Bené quisesse foder comigo, eu tava morto.

Porém, Bené faz com que ele e Thiago se dêem as mãos, num gesto de paz. Thiago não esconde estar fazendo aquilo contra a sua vontade.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Mas ainda bem que o Bené era legal pra caramba... Por causa dele, o Thiago fez as pazes comigo...

Bené e Angélica flertam. Bené tira Angélica para dançar.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

E por causa dele, eu percebi que não ia ser com a Angélica que eu ia perder a minha virgindade...

Mosca, a mulher de Bené, se aproxima. Ela percebe a troca de olhares entre Bené e Angélica, e puxa o marido pelo braço para longe dali.

(CONT.)

83 CONT.: (2)

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)
 Pena que nem todos os bandidos eram como o Bené...

CÂMERA SE MOVE PARA:

84 EXT. DIANTE DO GALPÃO DO BAILE - NOITE

84

Uma RODA DE CURIOSOS fora. No meio da roda Pequeno e Cenoura discutem violentamente.

Tuba, como sempre, está o mais perto que pode de Zé Pequeno. Ele tenta falar, mas não consegue. E limita apenas a imitar os gestos de Zé Pequeno.

Também vemos Neguinho ao lado da mulher dele, uma jovem negra GRÁVIDA. O olhar de Neguinho revela seu preferência por Cenoura.

ZÉ PEQUENO

Aí, Cenoura. Tu não tem que deixar aqueles moleques lá da caixa baixa ficar roubando aqui na favela não, morou?

CENOURA

Meu irmão, eu cuido da minha vida, não quero saber da vida dos outros, não. Vai você mermo dar idéia a eles, morou?

ZÉ PEQUENO

Vim te dar idéia, porque tô sabendo que os cara tão formando contigo lá na tua área.

CENOURA

Tu inventando isso pra tomar minha boca, rapá! Pensa que eu não tô sabendo.

Pequeno saca uma arma.

Cenoura saca uma arma.

Bené se coloca entre os rivais.

BENÉ

Pô, meus cumpádi! A gente tamo na moral!

ZÉ PEQUENO

Porra, Bené! O cara tá fudendo a nossa segurança no pedaço! A molecada da Treze tá barbarizando! Tu vai esperar os samango vim pra cima da gente? Morou?

BENÉ

Na moral, cumpádi! Na moral! Aí, Cenoura! Tu é irmão, tá ligado? É só tu avisar os moleques da Caixa Baixa que tu gosta lá pra dar um tempo, tá ligado?

(CONT.)

84 CONT.:

CENOURA

Pode deixar que vou dar uma idéia lá com eles, Bené.

ZÉ PEQUENO

Tu diz pra Caixa Baixa o seguinte: na favela do Zé Pequeno ninguém estrupa e ninguém rouba, tá ligado?

85 INT. PADARIA - DIA

85

Um paralelepípedo estilhaça o vidro de um balcão.

O PORTUGUÊS, dono da padaria, coloca as mãos na cabeça, atônito.

A molecada da CAIXA BAIXA aproveita a confusão para roubar os frangos assados de uma máquina de assar.

BUSCA-PÉ (V.O.)

A Caixa Baixa era um bando de moleques de rua que entravam na Cidade de Deus pra roubar. O que eles não sabiam é que a Cidade de Deus agora tinha dono...

RAFAEL, o menorzinho do bando, entra na padaria e sai com as mãos cheias de doces.

86 EXT. RUA DA CIDADE DE DEUS - DIA

86

Cena mostra como os bandidos são respeitados pelos moradores. Vários cumprimentam Zé Pequeno e Bené com verdadeira admiração.

Filé com Fritas, um garoto de 8 anos, faz parte da patrulha.

Tuba, como sempre, segue Zé Pequeno de perto.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

O pior é que a Cidade de Deus virou um lugar mais seguro pros moradores depois que o Zé Pequeno assumiu o controle da situação. Quase que não tinha mais crime nenhum.

(CONT.)

Um DONO DE PADARIA vem ao encontro dos bandidos. Não ouvimos o que ele diz, mas entendemos que está se queixando com eles.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

E se alguém tivesse alguma queixa, não precisa chamar a polícia. Era só falar com Zé Pequeno.

87 EXT. LIMITE DA FAVELA - DIA

87

6 moleques da Caixa Baixa, todos por volta de 10 anos, estão escondidos numa viela, devorando os frangos assados que roubaram da padaria. Otávio --o líder do bando, 11 anos -- faz um discurso enquanto come.

O pequeno Rafael, num canto, come apenas os doces que roubou sozinho. Ele parece acompanhar a conversa com movimentos de cabeça. Tem um sorriso maroto.

OTÁVIO

O negócio é tóchico, tá ligado?

LAMPIÃO

Se tu quer ser traficante tem que começar de avião, morou?

OTÁVIO

Essa onda de avião é roubada. Até tu pegar consideração pra ser vapor e depois segurança até virar gerente, demora a maior etapa. Pra tu ficar na frente da boca, tu tem que esperar os mais antigos morrer ou ser preso.

LAMPIÃO

É assim que tem que ser. Quando os mais velho, de dezoito, vinte ano morre, os mais novo assume.

OTÁVIO

Tô fora! O negócio é fazer que nem o Pequeno fez: tem que passar todo mundo!

LAMPIÃO

Mas aí precisa de arma!

OTÁVIO

Craro que precisa. Bandido que é bandido tem que andar trepado.

STILL: OTÁVIO EM CLOSE. A IMAGEM OCUPA A TELA COMO SE FOSSE UM SLIDE.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O moleque mais esperto da Caixa Baixa era o Otávio.

FUSÃO, SIMULANDO TRANSIÇÃO DE PROJETOR DE SLIDE, PARA

88 INT. CARRO - DIA / REPLAY / COMPUTAÇÃO GRÁFICA

88

Mantendo o mesmo visual de slide sendo projetado, vemos o STILL de Berenice, sentada no banco de trás do carro seqüestrado por Cabeleira.

(CONT.)

88 CONT.:

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)
O Otávio tinha a quem puxar...

TRANSIÇÃO DE PROJEÇÃO DE SLIDES.

STILL de Cabeleira empurrando o carro.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)
Ele era filho do Cabeleira...

TRANSIÇÃO DE PROJEÇÃO DE SLIDES.

STILL de Berenice no banco de trás do carro.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)
... e da Berenice. O que aconteceu com
ela...

TRANSIÇÃO DE PROJEÇÃO DE SLIDES.

Volta STILL de Berenice.

Efeito: superposição de imagem de ultra-som mostrando o bebê
Otávio em formação, na barriga de Berenice.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)
E como é que o Otávio nasceu e cresceu...
(CONT.)

FUSÃO, SIMULANDO TRANSIÇÃO DE
PROJETOR DE SLIDE, PARA

89 EXT. LIMITE DA FAVELA - DIA

89

Volta o STILL de Otávio comendo o frango

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)
... e voltou pra Cidade de Deus é uma
história que eu nunca soube. E o Zé
Pequeno, pelo jeito, também não. Porque se
ele soubesse que aquele era o filho do
Cabeleira, ele teria tratado melhor o
moleque.

Imagem volta ao normal. Repetimos a última fala de Otávio.

OTÁVIO
O negócio é fazer que nem o Pequeno fez:
tem que passar todo mundo!

Otávio recebe um violento tapa na cabeça.

Neste momento, os bandidinhos percebem que estão cercados por Zé
Pequeno seguido por Tuba, Filé com Fritas e mais DOIS
TELEGUIADOS.

(CONT.)

ZÉ PEQUENO

Tá falando o que de mim aí, otário?

Otávio, Lampião e outros dois conseguem fugir, "driblando" habilmente os homens de Pequeno.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Porra, os moleque são bom de fuga, hem?

Dois outros ficam imobilizados pelo pânico. Zé Pequeno vai até eles, empunhando a arma.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Vocês dois aí vão paga pelos que fugiram.

Vai ser o quê? Tiro no pé ou na mão?

Os garotos hesitam. Um deles, o pequeno Rafael, começa a chorar.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Perguntei se vai ser tiro no pé ou na mão.

Como é que é?

Rafael estica a mão.

RAFAEL

Na mão, na mão.

Zé Pequeno dá sua gargalhada sinistra e atira nos pés dos garotos. Em seguida, entrega sua arma ao garotinho Filé com Fritas.

ZÉ PEQUENO

Aí, Filé com Fritas... Tu nunca passou ninguém. Escolhe um dos dois, e senta o dedo nele.

Tuba se coloca entre Filé com Fritas e Zé Pequeno.

TUBA

Deixa que eu passo ele, Zé Pequeno! Deixa que eu passo!

ZÉ PEQUENO

Cala a boca, rapá!

Tuba abaixa a cabeça humilhado.

A mão do menino treme ao segurar a arma.

ZÉ PEQUENO (cont.)

E tu, rapá? Vai passá um deles ou num vai?

Os bandidos fazem uma espécie de torcida para animar o garoto, que depois de alguma hesitação DISPARA seguidamente em um dos bandidinhos. Sobra Rafael.

(CONT.)

89 CONT.: (2)

ZÉ PEQUENO (CONT.)

Aí! Agora tu vai mancando até o buraco onde tu se esconde com teus amigo. E avisa pra eles que ninguém sacaneia na favela do Zé Pequeno, morou?

Rafael vai mancando lentamente. Pequeno engatilha a arma. Fica evidente que Pequeno pode matar o menino pelas costas quando bem entender. O bandidinho percebe o perigo. Tenta se deslocar mais rapidamente, apesar da dor provocada pelo ferimento no pé.

Rafael sua. Pequeno dá sua risada característica.

Finalmente, Rafael consegue virar a esquina do beco. Ele pára, encosta no muro, e respira aliviado.

Ouvimos a RISADA de Pequeno, que assusta o bandidinho.

Rafael coloca o rosto na quina do muro para ver se está sendo seguido.

DOIS DISPAROS SEGUIDOS.

Vemos duas balas, em slow motion, indo em direção a ele. A primeira bala passa bem perto da cabeça dele. Quando a segunda bala se aproxima de Rafael, a câmera desenquadra para não mostrar o desfecho.

FADE OUT

90 EXT. BOCA DOS APÊS - DIA 90

Padeiro dá uma rosca de presente para Pequeno.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Enquanto o Zé Pequeno ganhava o respeito dos moradores...

Bené e Angélica estão por perto, se beijando.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

... o Bené ganhava o coração das minas.

Busca-Pé, meio de longe, observa a cena parado e estarrecido.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

E eu? Bom... Eu continuava virgem, sem namorada e duro. Eu não tinha outra saída.

91 ARTE - CARTELA 91

Texto enche a tela: VIDA DE OTÁRIO

92 INT. MAKRO - DIA

92

Vemos Busca-Pé caminhando, entediado, pelos corredores do supermercado. Ele olha para os lados e para os produtos na prateleira: CHOCOLATES. Tudo leva a crer que ele está lá para roubar.

De repente, um FUNCIONÁRIO passa por ele e o saúda. A atitude de Busca-Pé muda completamente. Vemos que ele tem um crachá na camisa: ele também é funcionário.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Eu arrumei emprego de fiscal numa loja do Makro, bem longe da Cidade de Deus. Trabalhei lá um tempão, ganhando mixaria. Eu já tava torcendo para eles me mandar embora. Com a grana da indenização e comprar uma máquina fotográfica de verdade. Mas não foi bem assim que as coisas aconteceram...

Câmera se move para outro corredor, onde, Otávio e Lampião (bandidos da Caixa Baixa) estão enfiando mercadorias no calção.

Um SEGURANÇA flagra. Eles saem correndo, perseguidos pelo Segurança, e acabam cruzando com Busca-Pé.

Otávio vê Busca-Pé e o saúda alegremente. Um SEGURANÇA vê a cena.

OTÁVIO

Aí, meu cumpádi, fumando muito do bom?

SEGURANÇAS da loja tentam capturar os garotos, mas eles driblam os marmanjos, saltam sobre uma caixa e correm livres para a rua.

Um dos seguranças olha feio para Busca-Pé.

93 INT. ESCRITÓRIO DO GERENTE - DIA

93

Vemos o GERENTE gritando com Busca-Pé, que fica de cabeça baixa, ouvindo a bronca.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

O filho da puta do gerente achou que eu tava formado com os moleques da Caixa Baixa. Me mandou embora por justa causa. Sem porra nenhuma de indenização. Honestidade não compensa.

94 EXT. RUA DA FAVELA - DIA

94

Busca-Pé, deprimido, está encostado num muro.

Bené e Zé Pequeno passam por eles em cima de móbiletes, fazendo curvas, indo e vindo. Zé Pequeno gargalha como uma criança que descobre um brinquedo novo.

(CONT.)

94 CONT.:

Ao fazer uma curva mais fechada para retornar, Zé Pequeno perde o equilíbrio e cai. A mobinete cai sobre um dos braços do bandido. Bené ri.

Busca-Pé faz cara de quem teve um insight.

95 ARTE - CARTELA 95

Texto enche a tela: CAINDO NO CRIME

96 INT. ÔNIBUS - NOITE 96

Busca-Pé e Barbantinho entram no ônibus e se sentam no banco de trás.

O trocador é Mané Galinha.

Busca-Pé vê que a arma de brinquedo, enfiada na cintura da calça de Barbantinho, está aparecendo. Ele conversam SUSSURRANDO.

BUSCA-PÉ
Esconde o berro aí, rapá!

Barbantinho esconde a arma sob a camiseta.

BARBANTINHO
Que mané berro! Isso aqui não é de nem de espoleta.

BUSCA-PÉ
Foda-se! É só pra assustar!

O ônibus pára. Uma MULHER GORDA entra com uma atitude ostensivamente agressiva.

Ela passa com dificuldade pela catraca.

GORDA
Demorou pra vim esse ônibus hoje, hem?

GALINHA
A culpa é da empresa, dona. Eles não bota o número de carros que precisa na linha. Por isso que demora.

A Gorda olha feio para Galinha. Ele olha para Busca-Pé e Barbantinho com o sorriso de quem busca cumplicidade. Os dois riem de volta, nervosamente. E voltam a falar sussurrando.

BARBANTINHO
Eu já vi esse cara antes! Acho que ele mora lá na favela. Ele deve de ter reconhecido a gente.

BUSCA-PÉ

Pára com isso, mané! Foda-se se o cara é de lá. Tu acha que ele vai ligar se a gente levar o dinheiro do patrão dele?

BARBANTINHO

Não sei não...

BUSCA-PÉ

Vamo lá! Agora.

Os dois se levantam e se aproximam da roleta. Mas antes que Barbantinho tenha tempo de sacar a garrucha, Galinha se dirige a eles com uma oferta desconcertante:

GALINHA

Dá um pulo aí um dos dois e paga um só.

Os jovens se surpreendem. Busca-Pé pula a catraca. Barbantinho passa normalmente e paga.

GALINHA (CONT.)

Ainda bem que é a última viagem.

BARBANTINHO

Tu não mora lá na Cidade de Deus?

GALINHA

Moro no Quinze. Vocês são de lá também.

BARBANTINHO

É...

GALINHA

Aí... Vocês têm que estudar pra sair daquele lugar, morou? Ali tem muito bandido.

BARBANTINHO

O Busca-Pé faz colegial. Eu tô me preparando pra ser salva-vida. Que nem meu pai.

GALINHA

É isso aí.

BUSCA-PÉ

Tu estuda?

GALINHA

Estudei até o colegial. Só tirava nota alta. Servi o exército. Fui o melhor atirador do meu batalhão. Mas mesmo assim tá difícil pegá emprego melhor que esse aqui.

(CONT.)

BARBANTINHO

Tô sabendo. O Busca-Pé quer trabalhar de fotógrafo. Mas com a máquina Xereta que ele tem, não dá.

BUSCA-PÉ

Pior é que é.

GALINHA

Mas tem acreditar, rapá! Ó... Eu sei lutar caratê. Se um dia eu conseguir arrumar um emprego numa academia, cumpádi, eu saio da favela.

BARBANTINHO

Tu é bom de briga, então?

GALINHA

Eu sou de paz, mermão. Mas se precisar...

O ônibus pára. Busca-Pé puxa Barbantinho pelo braço.

BUSCA-PÉ

Aí, Barbantinho! vamo nessa!

GALINHA

Vão com Deus!

Barbantinho sai cantarolando.

97 EXT. DIANTE DE UMA PADARIA - NOITE

97

Barbantinho e Busca-Pé descem do ônibus. Um olha para o outro como se pedissem desculpas.

BARBANTINHO

Não ia dar, né?

BUSCA-PÉ

Não... O cara era legal pra caramba!

BARBANTINHO

Aí! Vamo voltar pra casa?

Busca-Pé vê que estão diante de uma padaria.

BUSCA-PÉ

Nem fodendo! Ó lá! Vamo roubar essa padaria aí! Tem pouca gente. Vamo que vai ser mole!

Os dois caminham em direção à padaria.

CORTA PARA:

98 INT. PADARIA - NOITE

98

PASSAGEM DE TEMPO: entendemos que Busca-Pé e Barbantinho já estão na padaria há algum tempo. Eles conversam animadamente com a MOÇA DO CAIXA -- uma jovem bonita, simpática que usa uma blusa com um decote bastante atrevido, do qual Busca-Pé não consegue tirar os olhos. Ela não disfarça que está gostando de ser cobiçada.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O lance da padaria também não rolou. A mina do caixa era legal pra caramba.

A Moça do Caixa anota algo num guardanapo de papel, tipo sedinha, e entrega para Busca-Pé, junto com um sonho de valsa que ela discretamente rouba do caixa. O clima é de flerte.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

E ela era muito gostosa. E me deu o maior mole. Quando ela me passou o telefone, eu achei que daquela vez eu ia até o fim.

99 EXT. AVENIDA - NOITE

99

Busca-Pé e Barbantinho andam por uma avenida escura e deserta, fazendo sinal de carona para os poucos carros que passam.

BUSCA-PÉ

Não desanima, não, meu cumpádi! O começo é sempre mais difícil.

BARBANTINHO

Pior é que é!

BUSCA-PÉ

O que você achou dela?

Um FUSCA pára um pouco adiante.

Busca-Pé e Barbantinho correm até o carro. Quando eles chegam, a porta do passageiro se abre.

O PAULISTA que dirige o carro -- um jovem universitário -- está ansioso.

PAULISTA

Porra, meu! Tô perdidão! Como é que chego na Barra?

Busca-Pé e Barbantinho se entreolham com cumplicidade. Ambos sorriem com uma leve expressão de maldade no rosto.

BUSCA-PÉ

A gente tamo indo pra lá!

PAULISTA

Entra aí!

(CONT.)

99 CONT.:

Barbantino ajeita a arma no calção.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Naquele momento eu pensei: esse paulista vai dançar! Porque nenhum paulista pode ser legal pra caramba.

100 EXT. DEPOIMENTO - MINIBIOGRAFIA 100

A Mulher de Neguinho, que é negra, segura no colo um bebê branco e fala para a câmera.

MULHER DE NEGUINHO

Tem coisa que é vontade de Deus. E a vontade de Deus a gente não discute, tá sabendo? Eu sou preta. Meu marido é preto. Mas Deus quis que nós tinha um filho branco, e o filho nasceu branco.

101 EXT. AVENIDA ESCURA - NOITE 101

Um rabeção chega e estaciona ao lado de um fusquinha da polícia no acostamento de uma avenida escura, à beira de um matagal. Ouvimos os sons de FREADAS BRUSCAS e SIRENES.

102 EXT. MATAGAL - NOITE 102

Policiais civis e técnicos da perícia examinam algo que não podemos ver. Entendemos que há um cadáver no local. Um dos peritos fotografa a cena do crime.

INSERT:

3 fotos sucessivas do cadáver: é a mulher de Neguinho.

O detetive Cabeção -- mais velho -- chega e abre caminho entre os policiais presentes. Ele olha para o cadáver -- que ainda não vemos -- com uma expressão de assombro.

CABEÇÃO

Putaquepariu! O animal que fez isso só pode ter saído de um lugar: vamo pra Cidade de Deus!

103 EXT. AVENIDA ESCURA - NOITE 103

O mesmo fusca que antes parou para dar carona a Busca-Pé e Barbantino trafega agora pela avenida do matagal, diminuindo a marcha ao passar pelo lugar onde estão estacionadas as viaturas de polícia.

Criamos a impressão de que se trata de um crime cometido por Busca-Pé e Barbantino.

104 INT. FUSCA - NOITE

104

No interior do fusca vemos o Paulista e Busca-Pé, na frente, e Barbantinho, atrás.

O Paulista aumenta o volume do toca-fitas. A música que toca é "Magrelinha", com Luiz Melodia.

BARBANTINHO
Grande Melodia!

PAULISTA
Você gosta dele?

BARBANTINHO
Pra caralho! Sou apaixonado por MPB. Sou apaixonado por música.

PAULISTA
Então, vai dizer que você não gosta de um baise, meu?

Barbantinho se anima e entra na conversa.

BARBANTINHO
Não vou dizer que eu não conheço...

Paulista tira do bolso uma embalagem plástica de negativo fotográfico, passando-a para Busca-Pé.

PAULISTA
Pela cara de você... Maluco saca maluco, meu.

Busca-Pé abre a embalagem, saboreia o cheiro da maconha, pega uma sedinha no bolso, um punhado de maconha da embalagem, enrola um baseado.

BUSCA-PÉ (V.O.)
Eu sempre fui um mestre na arte de enrolar baseado. Se eu tivesse a mesma habilidade com as mulheres...

Detalhe da língua de Busca-Pé lambendo o papel: é a sedinha da menina da padaria: o telefone dela está anotado.

Busca-Pé acende o baseado, queimando o número do telefone.

BUSCA-PÉ (V.O.) (CONT.)
Não teria queimado tantas oportunidades de perder a virgindade.

Barbantinho, agradecido, bate no ombro do Paulista.

BARBANTINHO
Tu é legal pra caramba, hem?

105 INT. BOCA DOS APÊS - NOITE

105

Neguinho está levando a maior surra de Zé Pequeno, que bate com uma certa dificuldade porque está com o braço engessado.

Bené fica quieto num canto, apenas observando.

Tuba, sempre por perto, imita discretamente os gestos de Zé Pequeno.

ZÉ PEQUENO

Tinha que passar ela longe da favela, seu filho da puta! Agora a polícia tá de bronca todo dia no pedaço! Chifrudo filho da puta!

TUBA

É... Chifrudo... Filho da puta!

Zé Pequeno saca a arma e encosta o cano na cabeça de Neguinho, que implora pela vida aos prantos.

NEGUINHO

Porra, Pequeno! Foi lavação de honra, meu cumpádi! A família dela já me caguetou! Essa bronca não ficar pra você, não.

Zé Pequeno dá sua risada característica enquanto engatilha a arma.

Bené intervém, tirando a arma da mão de Pequeno.

BENÉ

Não atira, não, meu cumpádi. Tu já castigou o cara!

ZÉ PEQUENO

Qualé, Bené! Tu conhece a lei, rapá! Quem mata na favela do Zé Pequeno tem que morrer pra dar o exemplo.

BENÉ

Mas o mané aí fez uma parada que era do contexto dele mermo, tá ligado. Aí...
(cont.)

Bené levanta Neguinho com violência, e o expulsa da boca com um chute na bunda.

BENÉ (cont.)

Tu tem sair saindo rapidinho daqui, morou Neguinho? Tu faltou com respeito, mané! Agora tu vai ter se mudar pra outra favela, tá ligado?

Zé Pequeno fica furioso com o amigo.

Bené estica duas carreiras gordas de cocaína.

(CONT.)

ZÉ PEQUENO

Tinha que ter passado o cara, cumpádi. Quem cria cobra morre picado, rapá!

BENÉ

Que nada, rapá! Aquilo é otário!

TUBA

É traidor!

ZÉ PEQUENO

Cala a boca, rapá!

Bené cheira uma carreira. Se levanta. Passa o canudo para Zé Pequeno cheirar. E caminha em direção à porta.

BENÉ

Aí, cumpádi! Vou sair saindo... Minha namorada cocotinha tá me esperando pra eu dar um pega nela, morou?

Zé Pequeno segura Bené pelo braço.

ZÉ PEQUENO

Aí, mermão! Tu vai lá e aproveita bem. Dá uma carga nela! Mas tu te prepara, cumpádi! A gente vamo dá um tempo na moral até os samango sair de cima. Depois, a gente vamo tomar a boca do Cenoura e passar todo mundo lá na Quinze... Morou?

Bené responde apenas com um movimento de cabeça, sinalizando que está de acordo com Pequeno. Mas seu olhar não consegue disfarçar o fingimento: entendemos que as intenções de Bené não são as mesmas que as de Zé Pequeno.

106 INT. QUARTO DE MOTEL - NOITE

106

Bené e Angélica, abraçados na cama, fumam um baseado.

ANGÉLICA

Sabe o que eu acho, Bené?

BENÉ

Que eu sou gostoso pra caralho.

ANGÉLICA

Você é, sim. Mas eu tô falando de outra coisa. Sabe o que eu acho que a gente tinha que fazer?

BENÉ

Dar mais uma?

ANGÉLICA

Pô, Bené. Tô falando sério.

(CONT.)

BENÉ

Desculpa, meu amor. O que você quer fazer?

ANGÉLICA

Eu quero ir embora com você.

BENÉ

Pra onde?

ANGÉLICA

Pra um sítio. Pra viver numas de paz e amor, tá sabendo? Esse papo de violência não tá com nada. Tu é como eu. A gente é hippie de coração.

BENÉ

Paz e amor é?

ANGÉLICA

É.

107 ARTE - CARTELA 107

Texto enche a tela: A DESPEDIDA DE BENÉ

108 INT. SALÃO DE BAILE - NOITE 108

No mesmo salão das outras vezes, Bené dá uma festa de despedida.

Barbantino está fazendo o som. Busca-Pé está perto dele.

Bené e Angélica trocam beijos e abraços intensos. Estão totalmente apaixonados.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O Bené era gente fina demais pra continuar naquela vida de bandido... Ele decidiu largar tudo, inclusive a mulher, pra sair saindo com a Angélica. Eles iam comprar um sítio. E viver felizes pra sempre.

Zé Pequeno passa por Busca-Pé, esbarrando nele. Zé Pequeno parece ser a única pessoa mal-humorada no local. E observa Bené com um olhar desconfiado.

Tuba segue Zé Pequeno de perto, como se fosse um cachorrinho.

BUSCA-PÉ (cont.)

Quem não gostou da idéia foi o Zé Pequeno. O cara parecia que ia dar um troço...

Bené nota o olhar de Pequeno. Deixa Angélica de lado e vai ao encontro de Pequeno.

ZÉ PEQUENO

Aí, meu cumpádi! Tenho que de dar uma letra.

(CONT.)

BENÉ
Que letra!

ZÉ PEQUENO
Tu num pode se mandá com essa cocota, rapá.
E a tua mulher?

BENÉ
Ela que se foda! Eu quero viver na paz no meu sítio, tá ligado? Vamo fumar maconha à vera e escutá disco do Raul Seixas o dia inteiro...

Zé Pequeno dá sua risada característica.

NUM CANTO

Neguinho espreita Zé Pequeno. O rosto dele está machucado.

Voltamos à conversa entre Pequeno e Bené.

ZÉ PEQUENO
Tu quer dividir o que a gente ganhou junto pra virar playboy, mané? Tu tá esquecendo dos nossos planos? Aí... semana que vem a gente vai atacar lá na Quinze. Vamo tomar a boca do Cenoura. Tu pode ficar com ela pra você.

BENÉ
Qualé, Pequeno? A gente conhece o Cenoura há uma etapa. Deixa o cara!

ZÉ PEQUENO
Nem fodendo! O cara é nosso inimigo. Tem que passá ele!

BENÉ
Aí, tu faz o que tu quiser. Tu é irmão meu, cumpádi! Eu não vou entrar em arengação contigo.

Bené se afasta.

Zé Pequeno fica perplexo. Olha para os lados. Não sabe o que fazer. Anda para um lado, pára. Se vira para outro lado. Anda. Pára. Está visivelmente perturbado, perdido. O espaço parece girar em torno dele.

Até que ele vê Mané Galinha mais uma vez cercado de BELAS MULHERES.

Zé Pequeno caminha resolutamente em direção a Mané Galinha.

NUM CANTO

Neguinho se afasta. Ele manca.

(CONT.)

NO MEIO DO SALÃO

Zé Pequeno chega até onde está Galinha e dá um tapa na cara dele.

ZÉ PEQUENO

Aí, bonitão. Tu tá sempre com mulherada, né? Quero vê se tu é macho. Tira a roupa aí. Tira tudo.

Galinha olha para Pequeno com jeito desafiador. Uma roda se abre.

Zé Pequeno saca o revólver.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Mandei tu tirar a roupa.

Galinha percebe que não tem outra saída. Abaixa a cabeça e começa a desabotoar a camisa. Ele evita encarar o bandido nos olhos.

NUM CANTO

Neguinho encontra uma posição de onde vê bem Zé Pequeno. Ele tira uma arma da cintura da calça. Vê se ninguém está olhando.

NO MEIO DO SALÃO

Mané Galinha continua o striptease. Em volta dele, todos dão risada e gritam:

CORO

Tira, tira, tira.

Entre as pessoas que estão em volta, está Busca-Pé, mas ele não olha para Mané Galinha e sim para o que acontece...

NUM CANTO

Neguinho faz pontaria em Zé Pequeno. Sua mão treme. Seu olhar é de ódio. Ele está pronto para atirar. Mas Zé Pequeno começa a se movimentar em volta de Mané Galinha, fazendo com que Neguinho o perca de vista.

NEGUINHO

Filho da puta!

Neguinho procura uma nova posição.

NUM OUTRO CANTO

Bené está dançando Angélica, alheio ao que acontece no meio do salão.

Thiago chega junto um COCOTA, que carrega uma CÂMERA FOTOGRÁFICA profissional. Thiago quebra o clima romântico.

THIAGO

Aí, Bené! O cumpádi aqui tá querendo trocar essa câmara por um bagulho responsa.

BENÉ

Tu roubou isso de quem, mané?

COCOTA

Do meu pai!

BENÉ

Leva pra outro. Isso não é mais comigo!

ANGÉLICA

O Busca-Pé que ia se ligar nessa câmara!

Thiago fica enciumado.

THIAGO

Que mané Busca-Pé.

Bené tira do bolso um pacote razoavelmente grande de cocaína, entrega o pacote para o Cocota e pega a câmara dele. Em seguida, olha para os lados e avista Busca-Pé.

BENÉ

Aí, Busca-Pé! Chega mais!

Busca-Pé se afasta da roda e se aproxima de Bené, olhando de relance para o canto onde está Neguinho. Busca-Pé percebe qual é a intenção do bandido.

Busca-Pé se junta a Bené, que dá a câmara para ele.

BENÉ (cont.)

Tu num qué sê fotógrafo? Tomá aí: um presente meu.

Busca-Pé abre um sorriso que é uma mistura de incredulidade e plenitude.

NO MEIO DO SALÃO

Galinha está pelado, cobrindo o pênis com as mãos. Zé Pequeno olha na direção de Bené, e vê que Busca-Pé está com ele.

Pequeno sai da roda e caminha na direção de Bené com cara de invocado.

Pequeno chega junto a Bené e, abruptamente, arranca a câmara das mãos de Busca-Pé e o empurra com violência. Busca-Pé cai no chão. Olha feio para Pequeno. Mas Pequeno olha mais feio ainda. E Busca-Pé baixa os olhos humilhado.

(CONT.)

Zé Pequeno se aproxima de Bené numa postura corporal desafiadora. Mesmo sendo baixinho, ele impõe respeito.

Bené toma a câmera dele.

BENÉ

Dá isso aqui, rapá!

Bené e Zé Pequeno ficam disputando a câmera: um puxa a máquina da mão do outro.

NUM CANTO

Neguinho tem Pequeno novamente na mira. Engatilha a arma.

Do PONTO DE VISTA de Neguinho, vemos que Bené discute com Pequeno. Bené tira a câmera das mãos de Pequeno e a devolve para Busca-Pé, que a essa altura já está se levantando.

Neguinho dispara.

Na confusão, Bené é atingido, e cai morto nos braços de Zé Pequeno.

A confusão no salão é geral.

Neguinho foge desesperado.

Angélica chora junto ao cadáver de Bené.

Zé Pequeno fica descontrolado. Dá ordens para todo lado, sem fazer muito nexo.

ZÉ PEQUENO

Pega ele. Leva ele pro hospital.

Tuba se abaixa. Encosta a cabeça no peito de Bené.

TUBA

Ele tá morto.

ZÉ PEQUENO

E daí? Mandei levar pro hospital. Vocês aí.
Vão atrás do filho da puta que deu o tiro.

A comoção é geral. Todos correm de um lado para outro, até que Zé Pequeno fica sozinho, diante do corpo de Bené, iluminado pelas luzes do baile.

Começa a piscar a luz estroboscópica.

Neguinho -- completamente transtornado -- conversa com Cenoura, que o escuta limpando calmamente sua arma.

NEGUINHO

Aí, Cenoura! Eu se fudi nessa! Mas tu vai se fuder também. O Pequeno tá louco pra tomar tua boca.

Cenoura coloca as balas na arma.

NEGUINHO (CONT.)

Nóis tem atacar o cara de surpresa antes, tá ligado?

Cenoura se levanta, fica atrás de Neguinho, apontando a arma na nuca do assassino.

CENOURA

Tu matou o malandro mais responsa da Cidade de Deus.

Cenoura atira. Neguinho cai morto.

110 EXT. CEMITÉRIO - DIA

110

O enterro de Bené reúne uma enorme quantidade de pessoas.

Todos estão muito sérios e tristes.

Angélica e Mosca choram abraçadas.

Busca-Pé fotografa tudo com sua câmera xereta. Ele trata a câmera com muito carinho: segura a câmera com cuidado, protege a lente com as mãos etc. Barbantinho está ao lado dele.

De repente, Thiago começa a cantar, baixinho.

THIAGO

Viva... Viva... Viva a sociedade alternativa!

Busca-Pé olha para Thiago, que o encara nos olhos, continuando a cantar.

THIAGO (cont.)

Viva... Viva... Viva a sociedade alternativa!

Busca-Pé começa a fazer coro com Thiago.

BUSCA-PÉ

Viva... Viva... Viva a sociedade alternativa!

THIAGO

Viva... Viva... Viva a sociedade alternativa!

Barbantinho também começa a cantar. Logo, bandidos começam a cantar junto. Entre eles, Sandro Cenoura.

O enterro se transforma numa grande festa.

Cocotas e bandidos cantam juntos "Sociedade Alternativa".

(CONT.)

Angélica começa a chorar convulsivamente. Ela se afasta da multidão. A câmera acompanha Angélica até que ela cruza, na saída do cemitério com:

Zé Pequeno chega acompanhado de um séquito de bandidos mal-encarados.

Tuba está ao lado de Zé Pequeno, seguindo-o de perto e imitando os gestos dele. Tuba deixa claro que deseja ocupar o lugar de Bené.

Zé Pequeno não canta. Apenas olha sério para a multidão festiva em volta do túmulo de Bené.

Tuba começa a cantar, mas Zé Pequeno olha feio para ele. E Tuba pára de cantar imediatamente, percebendo que deu um fora.

Pequeno olha para Cenoura com ódio. Cenoura não se amedronta.

De repente, Pequeno saca o revólver. Tuba percebe a ação e o imita.

Pequeno dá tiros para o alto. Tuba faz o mesmo. E, imediatamente, todos os bandidos que estão com ele também atiram para o alto.

A multidão se dispersa correndo e gritando.

Pequeno dá sua gargalhada sinistra.

Numa montagem rápida de planos fechados, vemos o caixão de Bené sendo colocado no buraco e, em seguida, sendo coberto por terra.

111 EXT. RUAS DO CONJUNTO - DIA / MAPA DE GUERRA

111

Acompanhado de um séquito de bandidos, Pequeno caminha pelas ruas da Cidade de Deus, rumo à boca de Cenoura.

Desta vez, ele não é saudado pelos moradores, que entram em suas casas e fecham portas e janelas, demonstrando o medo que sentem de Pequeno.

EFEITO: em meia fusão entra MAPA DA FAVELA com linhas tracejadas que mostram a trajetória de Zé Pequeno rumo à Boca da 15.

Música militar.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Depois que Bené morreu, ninguém mais podia segurar Zé Pequeno. Ele tava decidido a matar o Cenoura e quem mais fosse pra virar o único dono da Cidade de Deus...E quem é que ia se atrever a dizer alguma coisa? A Cidade de Deus tava condenada a ser a favela do Zé Pequeno.

112 EXT. PRAÇA - DIA

112

Pequeno e seu exército de bandidos chegam numa praça. Bandidos chegam por todos os lados e recebem armas.

BUSCA-PÉ (V.O.)

A quadrilha do Sandro Cenoura não era páreo pro exército do Pequeno. Um ataque ali ia ser um banho de sangue. Só um milagre ia poder salvar o Cenoura...

Volta o mapa de guerra da favela em meia fusão.

De uma das casas da praça, sai uma LOURA de parar o trânsito.

BUSCA-PÉ (V.O.) (CONT.)

Mas tem lugar melhor nesse mundo pra acontecer milagre do que uma favela chamada Cidade de Deus?

A Loura passa apressada diante de Zé Pequeno e seu bando. Os bandidos param para apreciar a vista. Zé Pequeno mexe com ela.

ZÉ PEQUENO

Coisa linda!

LOURA

Vê se te enxerga.

Os bandidos riem. Pequeno fica furioso. A Loura caminha depressa. Pequeno vê ela virar uma esquina. E dá sua risada característica.

Ele segue a Loura. E alguns bandidos vão atrás.

Virando uma esquina, Zé Pequeno vê a Loura "atracada" com Mané Galinha, num beijo voluptuoso.

Alternamos entre o beijo e Zé Pequeno em close, fazendo uma cara cada vez mais perversa.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O problema do Zé Pequeno com o Mané Galinha era muito simples: o Pequeno era feio. O Galinha, bonitão. O Mané Galinha conquistava qualquer mulher. O Zé Pequeno só conseguia mulher pagando ou usando a força...

Galinha percebe a aproximação de Pequeno e os dois se olham.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

A parada aí era entre o bonitão do bem e o feioso do mal.

113 EXT. TERRENO BALDIO - NOITE 113

Zé Pequeno sobe o calção. Entendemos que um estupro acaba de acontecer.

Vários bandidos seguram Mané Galinha no chão. Um deles tem arma encostada na cabeça de Galinha.

Zé Pequeno dá um tiro que passa de raspão no pé de Galinha.

Ninguém diz nada. Os bandidos apenas riem. E vão embora.

Mané Galinha se arrasta até a Loura, machucada, despida e humilhada.

Galinha tenta abraçá-la, mas não consegue tocá-la. Ele apenas chora.

114 EXT. DEPOIMENTO - MINIBIOGRAFIA 114

o AVÔ de Mané Galinha fala para a câmera. É um velhinho simpático, com cara de bonzinho.

AVÔ

Sabe o que mais me enche o saco na minha casa? É ouvir falar de Deus... Tudo crente, na minha casa... E sabe o que me enche o saco também? Que me digam que eu sou bonzinho. Eu não sou bonzinho, muito menos acredito em Deus. Eu sou é marxista-leninista. Acredito na força do povo, no movimento de base, na organização do proletariado, na luta armada. Mas ninguém me faz caso nem na minha casa. É tudo crente...

115 INT. COZINHA DA CASA DE GALINHA - NOITE 115

Galinha chora, enquanto conversa com um dos seus irmãos: GELSON, um pouco mais jovem que Galinha.

GALINHA

Putaquepariu! Ela era virgem, tu sabia? Virgem! Bandido filho da puta. Eu juro que se eu tivesse dinheiro, mudava hoje mesmo. Ia pra bem longe desta merda de lugar!

GELSON

É isso mermo que tu tem que fazer. Tu e a tua noiva têm que se mandar daqui pra sempre.

GALINHA

Eu não tenho mais coragem nem de olhar na cara dela. Eu tava lá e não fiz porra nenhuma. Por que que aquele bandido filho da puta não me matou?

116 EXT. PRAÇA - NOITE 116

Zé Pequeno está caminhando, seguido por bandidos. De repente, tem um insight:

ZÉ PEQUENO
Por que eu não matei aquele otário filho da puta? Vamo lá passar o cara!

Pequeno dá meia volta, e sai apressado, seguido por vários bandidos.

Os outros bandidos se dispersam

Música começa a criar um clima de tensão.

117 INT. COZINHA DA CASA DE GALINHA - NOITE 117

Close de Galinha chorando.

Música aumenta a tensão.

118 EXT. DIANTE DA CASA DE GALINHA - NOITE 118

Do lado de fora da casa, Pequeno e vários bandidos armados com metralhadoras. Atiram para o alto.

ZÉ PEQUENO
Aí, seu otário! Tu é macho? Sai pra me enfrentar!

Mais tiros de metralhadora. Pequeno dá sua risada característica.

PERTO DALI

Escondido atrás de um monte de entulho, Cenoura observa a cena.

119 INT. COZINHA DE GALINHA - NOITE 119

Galinha quer sair para enfrentar Pequeno. Gelson tenta segurá-lo. Ambos falam aos berros.

GALINHA
Porra! O que esse filho da puta quer comigo?

GELSON
Fica frio, fica frio!

GALINHA
Fica frio o caralho! Se eu não for falar com o cara, ele mata todo mundo aqui!

A MÃE e outros 4 IRMÃOS de Galinha entram na cozinha, assustados com os tiros e com os gritos.

GELSON

Me ajuda a segurar ele aqui.

Todos pulam sobre Galinha, conseguindo derrubá-lo e segurá-lo no chão.

Gelson se afasta. Abre discretamente um gaveta, e tira dela uma faca, que esconde na cintura do calção. Gelson sai da cozinha

120 EXT. DIANTE DA CASA DE GALINHA - NOITE

120

Pequeno e seus bandidos continuam disparando para o alto.

ZÉ PEQUENO

Sai pra fora otário! Senão eu vou invadir e matar todo mundo aí dentro.

A porta da casa se abre. Gelson aparece com as mãos para cima.

GELSON

Aí... Na boa... Tô saindo.

Zé Pequeno estranha.

ZÉ PEQUENO

Tu não é o tal do Galinha, não! Minha parada é com o Galinha! Cadê o filho da puta? Eu sou o Zé Pequeno! Eu comi a vagabunda dele? Cadê o chifrudo do Galinha?

Gelson vai se aproximando de Pequeno. Os bandidos não sabem como reagir à coragem do jovem.

GELSON

Aí... Meu irmão não tá em casa, não. E tu pode ficar na boa. Meu irmão é de paz. Ele não quer matar ninguém, não!

Pequeno agarra Gelson pela camiseta.

ZÉ PEQUENO

Escuta aqui, otário? Tu não sabe quem eu sou, não? Teu irmão pensa que é pintoso demais pra vir falar comigo? Hem? Chama o chifrudo aqui!

Pequeno faz uma cara de DOR. Larga Gelson. E cai no chão: seu braço está sangrando. Os bandidos ficam perplexos.

A faca na mão de Gelson está manchada de sangue.

Pequeno aponta a metralhadora e dá o comando.

120 CONT.:

120

ZÉ PEQUENO (CONT.)
Senta o dedo no filho da puta!

121 INT. SALA DA CASA DE GALINHA - NOITE 121

A mãe de Galinha está ajoelhada na sala, rezando. Ao lado dela, está o Avô -- que há pouco apareceu na minibiografia. As balas das metralhadoras dos bandidos estilhaçam vidros, furam paredes e zumbem sobre ela, que não é atingida.

122 INT. COZINHA DA CASA DE GALINHA - NOITE 122

Os irmãos continuam segurando Galinha no chão.

Os tiros param. Galinha corre em direção à sala.

NA SALA

Galinha vê o Avô morto. Galinha começa a chorar e corre para a rua.

123 EXT. DIANTE DA CASA DE GALINHA - NOITE 123

Uma pequena multidão está em volta do cadáver de Gelson.

A Mãe acende velas em volta do corpo do filho. Vizinhos evangélicos improvisam um culto.

Galinha, ajoelhado aos pés do irmão, URRRA desesperadamente.

Ele olha em volta. Sandro Cenoura está perto. Sua camiseta está levemente desarrumada, deixando entrever o cabo de uma PISTOLA.

Galinha se levanta, arranca a pistola do calção de Cenoura. E sai atrás de Pequeno.

124 EXT. PRAÇA DA QUADRA - NOITE 124

Pequeno está sentado no chão. TUBA, um bandido mais jovem, está tentando limpar o ferimento no braço de Pequeno com água oxigenada.

Pequeno sente dor.

ZÉ PEQUENO
Ô, viado! Faz direito essa porra!

TUBA
Não tem outro jeito, Pequeno.

ZÉ PEQUENO
Porra! Como é que eu deixo otário de merda me dá uma facada no braço?

TIROS assustam os bandidos. Vários saem correndo.

(CONT.)

Pequeno vê Galinha se aproximando a passos largos, apontando firme a pistola e disparando.

Tuba, que está bem ao lado de Pequeno, leva um tiro no braço.

Pequeno se levanta. Dispara a esmo. E foge correndo. Tuba o segue de perto.

Um outro bandido sai disparando na direção de Galinha. Leva um tiro fulminante no meio da testa.

125 EXT. DIANTE DA BOCA DOS APÊS - NOITE

125

Pequeno está cansado de correr. Pára um pouco para recuperar o fôlego. Logo em seguida, Tuba o alcança.

Tuba olha para Pequeno, e percebe que os dois estão feridos mais ou menos no mesmo ponto do mesmo braço.

Tuba começa a rir histericamente.

TUBA

Tu viu essa, Pequeno? A gente tamo fudido igual? Tu, por um irmão. Eu, pelo outro!

Zé Pequeno dá uma coronhada no ferimento de Tuba.

ZÉ PEQUENO

Cala a boca, mané!

Tuba geme. Mas logo volta a gargalhar histericamente.

TUBA

Tu já pensou se nós também fosse irmão, que nem os otário? Ia ser mais engraçado ainda.

Pequeno dá um tiro fulminante na cabeça de Tuba.

ZÉ PEQUENO

Mandei tu calar a boca, rapá!

126 EXT. PRAÇA DA QUADRA - NOITE

126

De volta ao lugar em que Galinha matou os bandidos.

Galinha anda até o cadáver. Ele olha estarrecido para o que acaba de fazer. Olha em volta. Sua expressão é de pânico. Está arrependido.

Pouco a pouco, moradores começam a sair à rua. Outros vêm de ruas próximas. Uma pequena multidão cerca Galinha.

O silêncio é absoluto.

Uma VELHINHA se aproxima lentamente de Galinha e dá um beijo nele.

VELHINHA
Deus te abençoe, meu filho.

Vemos Sandro Cenoura. Ele esboça um sorriso maldoso.

Vários moradores estão aglomerados em volta de Galinha. Muitos querem apertar as mãos do "herói" que enfrentou os bandidos de Zé Pequeno.

BUSCA-PÉ (V.O.)
Parecia que de repente a Cidade de Deus
tinha encontrado um herói...

Um pouco afastados da multidão, estão Busca-Pé e Barbantinho. Busca-Pé começa a tirar fotos com a Xereta. A expressão no rosto dele denota empolgação. Barbantinho, ao contrário, tem um ar de preocupado.

BUSCA-PÉ (V.O.) (cont.)
Eu achava que o Galinha ia fazer a
revolução na Cidade de Deus! Mas Deus tinha
outros planos pra vida dele...

127 INT. CORREDOR DO CAFOFO - NOITE

127

Pequeno está nervoso. Anda de um lado para o outro. Os bandidos que estão com ele parecem mudos. Ninguém tem coragem de dizer nada.

Pequeno quebra o silêncio.

ZÉ PEQUENO
Aí... Filé com Fritas. Chega junto!
(CONT.)

FILE COM FRITAS, um menino de 9 anos, se levanta.

ZÉ PEQUENO (CONT.)
(cont.)
Tu corre lá na boca do Cenoura, e diz pra
ele que eu mandei tu dizer o seguinte pra
ele...

128 INT. CAFOFO DO CENOURA - NOITE

128

O menino Filé com Fritas dá o recado a Cenoura, que ostenta sua metralhadora. O local está cheio de bandidos. Todos de pé.

FILE COM FRITAS
Se tu matar o Galinha, o Zé Pequeno desiste
de tomá tua.

(CONT.)

Galinha, que está sentado atrás dos bandidos, se levanta e caminha até Filé com Fritas, que ameaça correr, mas é detido por Sandro Cenoura, que o segura pela orelha.

CENOURA

Tá vendo, cumpádi? Tu tem que formar com nós! Se não, tu tá morto.

GALINHA

Se tu tiver as armas e a munição eu quero, mas pode deixar que eu vou sozinho.

RATOEIRA

Meu irmão, eu sei que tu tem disposição, mas ele não anda sozinho não, tem uma porrada de teleguiado com ele, rapá...

CENOURA

Se tu quiser, tu forma na boca aqui comigo. Tu vira meu parceiro. Meu sócio.

GALINHA

Eu não quero saber de boca-de-fumo, não. Não sou bandido, não. Minha questão é com ele...

CENOURA

Se tu entrar numa de encarar o Pequeno sozinho, tu vai se fuder.

JORGE PIRANHA

Um dia ele me pegou, me levou lá pros Apê... e me fez lavar as cueca da quadrilha toda... mandava neguinho tirar a cueca pra eu lavar.

GAIVOTA

Ele esculacha o pessoal do conceito.

RATOEIRA

Ele matou meu irmão.

CENOURA

Aí, na moral, ninguém ali presta, se ele manda neguinho fazer qualquer coisa, nego faz só pra pegar consideração. Só tem teleguiado como esse aqui ô...

Galinha se aproxima de Cenoura. Eles se encaram. Galinha liberta Filé com Fritas de Cenoura, que olha feio. Galinha se abaixa, e fala com Filé com Fritas num tom quase paternal.

GALINHA

Sai dessa, rapá. Tu é novinho, fica fazendo o jogo daquele maníaco. Não sei o que vocês tem na cabeça!

Cenoura dá um tapa na cabeça de Filé com Fritas.

CENOURA

Eu sei! Tem é teleguição!

Galinha olha feio para Cenoura. Em seguida, se dirige novamente a Filé com Fritas.

GALINHA

Tu tem que parar com essa onda de bandido e procurar uma escola... Tu é criança, rapá!

Filé com Fritas fica indignado, e responde a Galinha num tom desafiador.

FILE COM FRITAS

Meu irmão, eu fumo, eu cheiro... Já matei, já roubei... Não sou criança não. Sou sujeito homem!

Cenoura engatilha sua arma e aponta para o moleque.

CENOURA

Deixa que eu passo ele.

Galinha desarma Cenoura com uma agilidade que deixa todos no local espantados.

GALINHA

Deixa ele vivo. O moleque não sabe o que tá fazendo. Aí, eu formo com vocês! Mas tem que ser do meu jeito. O primeiro que matar alguém de bobeira, vai ter que se ver comigo!

Os bandidos comemoram com gritos de guerra.

Cenoura expulsa Filé com Fritas com um chute na bunda.

CENOURA

Vai lá e avisa teu macho que quem manda aqui em cima agora é Sandro Cenoura e Mané Galinha!

Assim que Filé com Fritas sai da boca, Cenoura, muito animado, abre uma caixa de onde tira 10 armas.

GALINHA

Tu não tem pistola, não?

CENOURA

Não. Eu tenho dez ferro e essa metralhadora aqui. Mas se tu quer eu arrumo pistola. A gente pode meter uma loja de arma aí, ó...

GALINHA

Que assaltar loja!? Não sou bandido não!
 Não vou roubar nada não! Meu negócio é
 pessoal. É com o Pequeno.

CENOURA

Mermão! Ele estrupou tua mina, matou teu
 irmão e teu avô, metralhou tua casa... E tu
 já passou teleguiado dele, morou? Se tu não
 é bandido, rapa fora!

Galinha fica em silêncio.

129 ARTE - CARTELA 129

Texto enche a tela: A HISTÓRIA DE MANÉ GALINHA

130 INT. LOJA DE ARMAS - NOITE 130

Galinha, Cenoura e outros bandidos entram numa loja de armas,
 rendendo dois SEGURANÇAS.

CENOURA

Mão na cabeça todo mundo!

A cena é narrada visualmente, com o apoio de uma breve narração
 de Busca-Pé.

Vemos Galinha impedindo Cenoura de matar um SEGURANÇA.

BUSCA-PÉ (V.O.)

No primeiro assalto, Mané Galinha salvou a
 vida de um segurança que o Cenoura ia matar
 só de maldade...

Galinha dá uma dura em Cenoura.

GALINHA

Falei que não é pra matar. Regra é regra.

131 INT. MAKRO - DIA 131

Os mesmos bandidos estão assaltando caixas do Makro. No local,
 há CLIENTES, um SEGURANÇA, CAIXAS e o GERENTE.

BUSCA-PÉ (V.O.)

No segundo assalto...

O Gerente percebe que ninguém o observa. Pega um revólver
 escondido sob o balcão.

Galinha está de costas para ele.

O Gerente aponta a arma para Galinha. Quando vai puxar o
 gatilho, recebe uma rajada de metralhadora.

131 CONT.:

131

Galinha percebe que Cenoura salvou a vida dele.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)
Cenoura salvou a vida de Mané Galinha...

Cenoura ironiza Galinha.

CENOURA
Viu como tem que matar?

BUSCA-PÉ (V.O.)
Galinha descobriu que toda regra tem
exceção. E no terceiro assalto...

132 INT. AGÊNCIA BANCÁRIA - DIA

132

A quadrilha de Galinha assalta uma agência bancária, no mesmo esquema dos outros assaltos. A diferença é que , desta vez, Galinha entra atirando.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)
A exceção virou a regra.

Galinha mata um SEGURANÇA que se coloca diante de um JOVEM cujo rosto não podemos ver.

133 INT. CAFOFO DE CENOURA - DIA

133

FAQUIR -- um nordestino de uns 30 anos -- entrega escopetas e outras armas para Galinha e Cenoura, recebendo de Cenoura um bolo de dinheiro.

FAQUIR
Com isso aqui vocês acabam com os caras.
Nem a polícia tem essas armas. Esse fuzil
aqui, ninguém tem na favela. Só quem tem é
o exército. Isso aqui é pra guerra, mermo.

Galinha monta um fuzil com extrema rapidez. Cenoura olha com os olhos arregalados de admiração.

GALINHA
Quem disse que servir o exército não serve
pra nada?

Galinha engatilha o fuzil e o aponta para a câmera. Ouve-se o BARULHO DO GATILHO sendo apertado.

134 EXT. RUAS DA CIDADE DE DEUS - DIA

134

Montagem com cenas que revelam o clima de guerra no local: soldados das duas quadrilhas guardando esquinas, controle da circulação de moradores, que se movimentam com medo, moleques da Caixa Baixa assaltando moradores.

(CONT.)

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Com a guerra, a Cidade de Deus ficou dividida. Quem morava no área do Galinha não podia atravessar pra área do Pequeno. Nem que fosse pra visitar parente...

135 INT. TAPADEIRA - DIA

135

Um série de pessoas olhando para a câmera num enquadramento tipo foto 3X4.

Os rostos vão ficando cada vez mais jovens.

Em BG sons de tiros e bombas.

BUSCA-PÉ (V.O.)

A vida na Cidade de Deus virou um filme de banguê-banguê. E por incrível que pareça, quanto mais se matava, mais maluco aparecia pra entrar na guerra. Ou pra se divertir. Ou pra acertar as contas com alguém.

136 INT. BOCA DOS APÊS - DIA

136

Dentro da boca, Pequeno supervisiona a entrega de armas para os jovens que vão entrando.

JOVEM 1

Um amigo do Cenoura me deu uma tapa na cara.

EDIÇÃO ENTRECORTADA: alternamos cenas nas bocas de Pequeno e de Cenoura.

137 INT. BOCA DE CENOURA - DIA

137

Galinha e Cenoura supervisionam a entrega de armas para jovens que fazem fila dentro da boca.

JOVEM 2

O cara expulsou a minha família. Eu quero morar na minha favela de novo.

BOCA DE PEQUENO

ROBSON

O filho da puta que "estrupou" minha irmã tá no bando do Zé Pequeno.

BOCA DE CENOURA

JOVEM 4

Um soldado do Pequeno me deu um chute no cu.

BOCA DE PEQUENO

EUCLIDES

É pra assaltar, matar e ser respeitado.

BOCA DE CENOURA

YURI

O Zé Pequeno matou meu irmão.

BOCA DE PEQUENO

Chega a vez de Thiago.

THIAGO

Eu quero matar o meu padrasto.

BOCA DE CENOURA

Um jovem negro, que tem uma expressão e uma maneira de se mover mais parecidas a de um trabalhador do que as de um bandido. Seu nome é OTHON.

Othon pega uma pistola. Segura-a com firmeza e encara Mané Galinha.

GALINHA

Tu tem cara de trabalhador, rapá. Dá essa porra aqui e cai fora.

Othon guarda a pistola no calção. E fala com dignidade.

OTHON

Eu quero me vingar do assassino do meu pai.

Galinha olha o rapaz com admiração.

GALINHA

Como é que tu chama?

OTHON

Me chamo Othon.

PASSAGEM DE TEMPO.

Mané Galinha, bastante transformado, com cara de bandido, está limpando uma pistola.

Vapores trabalham endolando maconha e fazendo trouxinhas de cocaína.

Cenoura anda nervoso de um lado para o outro.

CENOURA

Na moral, Manel: o Pequeno tem muito mais arma e muito mais soldado que nós. A gente temos que atacar de surpresa.

137 CONT.: (2)

GALINHA

Tu tá querendo dizer o quê?

CENOURA

Tu sabe... A gente tem que fazer um ataque de dia. Pega os filho da puta dormindo.

GALINHA

Já falei que não. Tem muito inocente na rua. Eu não sou bandido pra sair por aí matando morador.

Galinha cheira uma carreira de cocaína, pega uma garrafa de cerveja e bebe no gargalo.

Cenoura ri e comenta ironicamente.

CENOURA

É... Tu vive dizendo que não é bandido... Tu não aprendeu nenhum truque lá no exército não.

Galinha percebe a ironia, fica nervoso, vai colocar a garrafa sobre a mesa mas a deixa cair no chão.

A garrafa se estilhaça. Galinha faz cara de quem teve uma idéia.

138 EXT. DIANTE DA BOCA DOS APÊS - NOITE

138

Uma EXPLOÇÃO.

Os bandidos do bando de Pequeno saem correndo. Pequeno fica perplexo.

PERTO DALI

Cenoura acende um coquetel Molotov que está na mão de Galinha.

CENOURA

Porra! Esse coquetel maratovi é de foder!

Galinha arremessa outro coquetel em direção à boca.

A câmera acompanha a trajetória do coquetel, até ele explodir muito próximo de onde está Zé Pequeno.

Zé Pequeno foge. Os bandidos que estavam com ele correm para todos os lados.

Galinha dispara em vários bandidos seguidamente. Todos caem mortos.

Cenoura faz um sinal com o braço chamando os homens.

CENOURA

Vamo acabar com esse alemão.

(CONT.)

138 CONT.:

Começa a se ouvir em B.G. o som de uma sirene.

Cenoura foge chamando Galinha.

CENOURA
Corre, Manel!

Os bandidos debandam.

Galinha se aproxima da boca, sempre atirando. Ele olha para os corpos, vira os que estão de cara para o chão. Ele visivelmente procura o cadáver de Zé Pequeno.

A sirene de polícia fica mais alta.

Galinha vê o corpo de Filé com Fritas: um cadáver de olhos bem abertos.

Culpado, Galinha se abaixa e fecha os olhos da vítima.

PERTO DALI.

Thiago mira em Galinha. Dispara. O tiro acerta Galinha no peito.

Galinha cai.

O barulho de sirene aumenta.

139 ARQUIVO - JORNAL NACIONAL 139

Imagem de arquivo do Jornal Nacional da época: o apresentador dá a notícia da prisão de Mané Galinha.

140 INT. QUARTO DE HOSPITAL - DIA 140

Recriação de entrevista de Galinha para o Jornal Nacional com o mesmo texto, o mesmo enquadramento e a mesma textura de imagem.

FUSÃO PARA:

141 INT. BOCA DOS APÊS - DIA 141

Câmera abre e revela Zé Pequeno rasgando a primeira página do jornal. Ele joga a página rasgada para o lado, sobre muitas outras páginas iguais também rasgadas.

Pega outra primeira página com a foto de Galinha e começa a rasgá-la.

ZÉ PEQUENO
Filho da puta. Eu que mando nessa merda,
nunca saí foto minha no jornal. Aí! Acharam
meu nome?

Em volta de Zé Pequeno, vários bandidos estão procurando em jornais.

(CONT.)

BANDIDO 1
Até agora, nada.

ZÉ PEQUENO
Continua procurando. Se tem foto do
Galinha, pelo menos o meu nome tem que ter
no jornal.

Um outro bandido carrega uma pilha de cadernos classificados e
joga num canto.

ZÉ PEQUENO (cont.)
Que tu tá fazendo?

BANDIDO 2
Tô jogando fora.

ZÉ PEQUENO
Tu já leu tudo isso?

BANDIDO 2
Aqui só tem classificado. Não tem nada de
notícia.

Zé Pequeno saca uma arma e a pressiona contra a cabeça do
bandido.

ZÉ PEQUENO
Mandei lê tudo, rapá! Ou tu quer levar um
tiro na cabeça.

O bandido engole em seco.

Zé Pequeno, visivelmente descontrolado, fala em tom de discurso
para os bandidos.

ZÉ PEQUENO (cont.)
Aí! Tá na hora da gente mostrar quem manda
na favela. Manda chamar o matuto.

Zé Pequeno bate sobre mesa com a METRALHADORA.

PASSAGEM DE TEMPO.

Sobre a mesma mesa, várias ARMAS modernas e poderosas.

Faquir está diante de Pequeno e alguns bandidos, que examinam
armas recém-trazidas: escopetas, pistolas e armas automáticas.

ZÉ PEQUENO (CONT.)
Aí, Faquir! Tu tá de caô comigo! Não foi
isso aqui que eu te pedi, não. Eu quero
aquela arma dos americano, que com um tiro
só acaba com tanque de guerra.

(CONT.)

FAQUIR

Tu tá louco Pequeno. Essa arma aí não existe, não.

ZÉ PEQUENO

Não existe o caralho! Os cara aí leu nos jornal pra mim! Tu vendeu bomba pros cara. Agora tu tem que trazer uma arma dessas pra mim.

FAQUIR

Eu vou tentar...

ZÉ PEQUENO

É o seguinte: tu tá querendo me fuder, te fodo eu primeiro. Tu vai deixar essas armas aqui, tá ligado? Tu vai deixar as armas, mas não vai levar o dinheiro!

FAQUIR

Porra, Pequeno! Eu tenho que levar o dinheiro pros homem!

ZÉ PEQUENO

Tu diz que tu leva o dinheiro quando eles me mandarem a arma que eu pedi. Sai fora.

Faquir sai.

Um dos bandidos ficam maravilhados com as armas novas.

THIAGO

Porra! Tu fica bem com essas arma. Precisava tirar umas foto.

Zé Pequeno gosta da idéia.

ZÉ PEQUENO

Tem uma máquina aqui.

Zé Pequeno vai para uma sala ao lado.

142 INT. CAFOFO DE ZÉ PEQUENO - DIA

142

Zé Pequeno abre um baú onde estão guardados discos de Raul Seixas, algumas correntes de ouro, relógios e uma CÂMERA FOTOGRAFICA, a mesma do dia do assassinato de Bené.

Zé Pequeno olha para a câmera com tristeza. Pela primeira vez, o bandido revela um lado frágil: a saudade do amigo morto.

Zé Pequeno volta para a sala onde estão os bandidos.

143 INT. BOCA DOS APÊS - DIA

143

Zé Pequeno entra com a câmera na mão.

(CONT.)

ZÉ PEQUENO

Aí! Tá aqui a câmera. Tira uma foto minha
aí com as arma.

Zé Pequeno faz pose, cercado de bandidos, diante do seu novo
arsenal.

O bandido que tem a câmera na mão enquadra, aperta o botão, mas
nada acontece.

BANDIDO

Não fez clique.

Outro bandido pega a câmera e verifica que nada acontece quando
o botão é apertado.

ZÉ PEQUENO

E aí?

A câmera passa de mão em mão pelos bandidos que estão com
Pequeno. Nenhum deles sabe o que fazer com a câmera.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Porra! Cês são tudo burro.

144 EXT. PONTO DE ÔNIBUS NA CIDADE DE DEUS - NOITE

144

Busca-Pé desce do ônibus voltando da escola: carrega livros.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Você deve estar se perguntando o que eu fiz
nesse tempo todo. É simples: eu tentei
ficar de fora. Mas não adiantou muito. Uma
hora, tinha que sobrar pra mim...

Busca-Pé é surpreendido por dois dos bandidos que estavam na
boca dos Apês com Pequeno.

ROBSON

Aí, tu vem com a gente.

BUSCA-PÉ

Pra onde.

EUCLIDES

O Pequeno quer desenrolar uma idéia com
você.

Busca-Pé engole em seco.

BUSCA-PÉ

Meu pai tá me esperando em casa... Eu tenho
que...

Robson mostra um revólver escondido no calção.

Busca-Pé acompanha os bandidos resignado.

145 INT. BOCA DOS APÊS - NOITE

145

Busca-Pé está diante de Zé Pequeno, que está fazendo pose diante das armas. Ele ainda não entendeu o que está acontecendo.

ZÉ PEQUENO
Passa o negócio pra ele.

Thiago entrega a câmera para Busca-Pé, que ainda não percebeu o que deve fazer. Há uma troca de olhares entre os dois.

ZÉ PEQUENO (cont.)
Como é que é?

BUSCA-PÉ
O quê?

THIAGO
Tu não é fotógrafo? Faz essa merda funcionar.

Busca-Pé enquadra, aperta o botão e nada acontece.

Os bandidos riem.

ZÉ PEQUENO
Porra! Cês quebraram a máquina.

Busca-Pé examina a câmera e percebe que precisa rodar o filme. Ele roda o filme, enquadra a cena e aperta o botão.

Os bandidos comemoram.

Em seguida, Busca-Pé faz várias outras fotos, enquadrando Zé Pequeno em poses engraçadas, até que:

BUSCA-PÉ
Acabou o filme.

ZÉ PEQUENO
Vamos ver as fotos.

BUSCA-PÉ
Precisa mandar revelar.

THIAGO
Eu quero cópia.

BANDIDO 1
Eu, também.

BANDIDO 2
Eu, também.

Zé Pequeno tira um maço de notas do bolso.

(CONT.)

ZÉ PEQUENO

Quanto custa fazer cópia pra todo mundo?

Busca-Pé pega o dinheiro de Pequeno.

Imagem fica em still.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Quando eu lembro do que aconteceu depois que eu tirei aquelas fotos dos bandidos, eu tenho a sensação de tudo na minha vida ficou acelerado. É como se eu não conseguisse ver os detalhes, sabe?

146 INT. LOJA DE REVELAÇÃO - DIA

146

Busca-Pé, com a câmera a tiracolo, está checando os contatos para escolher as fotos que serão ampliadas.

As imagens ganham uma velocidade acelerada, com a câmera se movendo muito.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Na minha memória, fica tudo rapidinho, igual nesses filmes que os caras aceleram a câmera. Sabe o que eu tô falando?

Ao lado de Busca-Pé, está MARINA, branca, quase 30 anos, espiando não muito discretamente as fotos de Busca-Pé.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Por exemplo: eu não reparei que tinha uma mulher espiando as minhas fotos. Por isso eu não entendi o que aconteceu no dia seguinte.

147 EXT. BANCA DE JORNAL - DIA

147

Mesmo ritmo de imagens aceleradas e movimentos rápidos de câmera.

Busca-Pé e Barbantinho estão próximos à banca de jornal. Barbantinho está lendo as primeiras páginas dos jornais. Busca-Pé está distraído com a câmera.

Busca-Pé leva um susto com a exclamação de Barbantinho.

BARBANTINHO

Caralho! Olha o Zé Pequeno no jornal!

Busca-Pé olha e reconhece a foto que ele tirou dos bandidos. Sobre ela a manchete: TRAFICANTES DA CIDADE DE DEUS USAM ARMAS DO EXÉRCITO.

BUSCA-PÉ

Putaquepariu! Ele vai me matar!

(CONT.)

Busca-Pé coloca o dedo sobre o nome sob a foto: MARINA CINTRA.

148 INT. REDAÇÃO DE JORNAL - DIA

148

Busca-Pé e Barbantinho entram na redação. Os dois carregam sacos de papel pardo. Busca-Pé está nervoso, suando. Barbantinho, mais relaxado.

Barbantinho se dirige a um REDATOR, que passa apressado.

Ele aponta na direção da Marina,

BARBANTINHO
Até que ela é gostosa...

Eles param diante da mesa dela.

Busca-Pé enfia a mão no saco pardo. Ele treme. Marina olha para o saco pardo assustada.

MARINA
Como é que vocês entraram aqui?

BARBANTINHO
É o seguinte dona... Meu amigo aqui...

Busca-Pé tira do saco uma pedra e a coloca com força sobre a mesa de Marina, interrompendo Barbantinho.

Busca-Pé fala alto, num tom ameaçador e indignado.

BUSCA-PÉ
Eu vou morrer. E a culpa é sua. Como é que fica, agora? Eu não posso mais voltar pra casa. Eu vou pra onde? Me devolve minhas fotos!

Todos param na redação e olham para Busca-Pé. Barbantinho se surpreende com a coragem do amigo.

Os JORNALISTAS começam a rodear a mesa de Marina, preocupados. Entre eles, um FOTÓGRAFO, com colete e câmera.

Marina percebe que vai ser descoberta e começa a falar simpaticamente com Busca-Pé.

MARINA
Pô, eu te procurei, rapaz. Foi você que fez essa foto, né? Tem um dinheiro aqui pra você. Eu não consegui te achar...

Marina abre a gaveta e tira de lá um envelope e de dentro do envelope outras fotos que Busca-Pé fez da quadrilha de Pequeno com as armas.

MARINA (cont.)
O seu trabalho é muito bom, sabia?

(CONT.)

O Fotógrafo pega as fotos.

FOTÓGRAFO
Isso aqui é Cidade de Deus, é?

Barbantino fica orgulhoso.

BARBANTINHO
É, sim. A gente é de lá.

FOTÓGRAFO
Porra, nenhum fotógrafo do jornal ia conseguir entrar na favela e chegar perto desses caras... Tu que fotografou?

BARBANTINHO
Não, foi o meu amigo Busca-Pé, aqui...

FOTÓGRAFO
Tu não fez nenhuma foto de gente tomando tiro, não?

MARINA
Pô, se a gente pudesse ter você lá na Cidade de Deus trabalhando pra gente, hem? Tu pode ganhar uma grana.

A câmera começa a rodar em volta de Busca-Pé.

BUSCA-PÉ (V.O.)
Eu não sei o que deu em mim pra entrar no jornal falando daquele jeito. Eu não podia imaginar que, depois daquele dia, a minha vida nunca mais ia ser a mesma.

Silêncio.

Todos olham para Busca-Pé.

MARINA
E aí?

BUSCA-PÉ
O quê?

MARINA
O que você acha de trabalhar pra gente?

BUSCA-PÉ
Tu tá me oferecendo emprego de fotógrafo?

MARINA
Emprego é difícil. Mas você vai trazendo as fotos. Se elas ficarem boas, a gente compra.

BUSCA-PÉ

Mas se eu pisar na favela de novo, eu posso morrer.

FOTÓGRAFO

Que merda. Daria pra você ganhar uma grana.

BUSCA-PÉ

Daria, é?

MARINA

Então, negócio fechado. Juninho, passa uns filmes pro menino. Alguma dúvida?

BUSCA-PÉ

Uma só.

MARINA

Pode falar.

BUSCA-PÉ

Onde é que eu vou dormir essa noite?

Os dois editores olham para Marina. Ela olha para Busca-Pé com cara de quem não tem escolha.

149 INT. QUARTO DA CASA DE MARINA - NOITE

149

Busca-Pé e Marina transando.

BUSCA-PÉ (V.O.)

De repente, parecia que a minha vida tinha virado de cabeça pra baixo. Quer dizer, pra cima, né? Porque finalmente as coisas começaram a acontecer.

A câmera vai se afastando da cena de sexo.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

Mas eu não vou entrar nos detalhes da minha primeira experiência sexual, não. Porque...

150 INT. CORREDOR DE HOSPITAL - NOITE

150

ENFERMEIRA trepando com POLICIAL, numa maca, atrás de uma cortina.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

... lá no hospital perto da Cidade de Deus, tava rolando uma outra cena de sexo, muito mais importante pra história da favela. Enquanto um certo policial de plantão se entendia com uma certa enfermeira também de plantão...

AO MESMO TEMPO

(CONT.)

Cenoura, Othon e outros bandidos ajudam Galinha a sair do quarto a andar pelo corredor numa fuga que ninguém nota.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.)

... o Cenoura mais uns outros bandidos não tiveram a menor dificuldade de tirar o Mané Galinha dali e levar ele de volta pra Cidade de Deus.

A câmera volta para MACA.

O policial e a enfermeira atingem o orgasmo. A câmera continua se movimentando até revelar um maço de dinheiro num bolso do uniforme da enfermeira.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Tem gente que diz que o verme levou um por fora pra facilitar as coisas... Até hoje eu não sei se é verdade.

151 EXT. MATAGAL - DIA

151

Faquir está se explicando para alguém que não podemos identificar.

FAQUIR

O cara é maluco. Ele inventou que quer uma arma que explode tanque de guerra, se não ele não paga a gente.

Revelamos que o interlocutor misterioso é Cabeção. Ele atira um jornal na cara de Faquir.

Em volta dos dois, há um grupo de policiais.

CABEÇÃO

Tu viu isso aqui? Pra que ele precisa de mais armas.

Faquir olha o jornal.

FAQUIR

Filho da puta! Cabeção! Tu acha que eu ia te enganar. Tu sabe que o tal do Zé Pequeno é doidão! Ele não vai me pagar enquanto eu não levar a arma que ele quer. Tu não pode falar com o cara lá do exército?

CABEÇÃO

Tu quer que descubram o meu esquema? Os cara vão investigar essa história. Se eles pegarem os bandido, eles te pegam. E se eles te pegam, tu me entrega e eu tô fudido.

FAQUIR
Qualé, Cabeção? Tu acha que vou te entregar?

CABEÇÃO
Acho que não.

FAQUIR
Claro, que não.

Cabeção aponta a arma na cabeça de Faquir.

FAQUIR (cont.)
Porra! Que é isso?

Cabeção em CLOSE.

CABEÇÃO
Isso é pro caso de tu tá mentindo.

Ouve-se um TIRO.

CABEÇÃO (cont.)
Vamo pega o meu dinheiro com aquele crioulo de merda!

152 EXT. CASA DE ALMEIDINHA - DIA

152

Zé Pequeno distribuindo armas para bandidos todos muito jovens. Thiago ajuda. Entre os que recebem armas, estão os moleques da Caixa Baixa.

O clima é de festa. Ao fundo, soa um batuque.

ZÉ PEQUENO
Esses ferro é de presente pra vocês. Mas eu quero ver todo mundo lá, dando tiro no Cenoura hoje de noite. Depois vocês usa os cano pra roubar onde vocês quiser...

Zé Pequeno pega um jornal com a foto dele na primeira página. Ele discursa como um político.

Otávio é o que mais presta atenção ao que diz Zé Pequeno.

ZÉ PEQUENO (CONT.)
Tá vendo aqui! O Rio de Janeiro inteirinho sabe que a Cidade de Deus é a favela do Zé Pequeno. Quando a gente vamo subir lá no Cenoura, a gente vai matar todo mundo. Não vai perdoar ninguém, porque quem cria cobra morre picado. Hoje a gente vamo tomar a boca dele. Na semana que vem, a gente começa a tomar todas as favela do Rio de Janeiro.

153 INT. CAFOFO DE CENOURA - DIA 153

Galinha, com o peito enfaixado, entrega uma pistola para Othon.

GALINHA

Othon, chama a rapaziada toda que a gente vai descer.

OTHON

Mas é de dia.

GALINHA

Guerra é guerra.

Cenoura grita de felicidade.

154 ARTE - CARTELA 154

Texto enche a tela: O COMEÇO DO FIM

155 EXT. CASA DE ALMEIDINHA - DIA 155

Retomamos a primeira cena do filme: o galo se desespera. Luta. E escapa.

Almeidinha, o negro que segura o facão, percebe a fuga do galo e dá o alarme.

ALMEIDINHA

O galo fugiu!

156 EXT. RUA DA FAVELA - DIA 156

Replay de trecho de cena do começo do filme.

Busca-Pé levanta um pouco a câmera fotográfica em direção ao olho mas não consegue levar o gesto até o final. Ele fica paralisado, olhando para Zé Pequeno que aponta a arma para Busca-Pé e grita:

ZÉ PEQUENO

Segura o galo.

Busca-Pé assume a pose de goleiro, fica meio abobalhado, tentando agarrar o galo, que passa no meio das pernas dele.

Uma mulher -- a Madalena da minibiografia -- que empurra um carrinho de bebê vê a cena e se afasta apressadamente.

Zé Pequeno avança em direção a Busca-Pé.

Busca-Pé está apavorado. Barbantinho, paralisado.

Zé Pequeno pára de repente. Todos os bandidos apontam suas armas para alguém que está atrás de Busca-Pé.

Busca-Pé olha para trás e vê uma PATRULHA de 6 policiais.

À frente da patrulha está o detetive Cabeção.

Busca-Pé ainda na pose de goleiro desajeitado.

Cabeção, de um lado, e Zé Pequeno, do outro, trocam olhares ameaçadores.

Cabeção faz um sinal para seus homens guardarem as armas.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Aí, Cabeção! Leva tuas meninas aí de volta pra delegacia. Na minha favela, não entra viado.

Zé Pequeno dá sua risada característica.

Cabeção e seus homens se retiram.

Ao fundo, passa um CAMINHÃO DE GÁS.

Busca-Pé continua paralisado. Zé Pequeno caminha na direção dele. Busca-Pé acha que vai morrer.

ZÉ PEQUENO (cont.)

Aí, Busca-Pé! Tu tá esperando o que pra tirar a minha foto.

Busca-Pé levanta a câmera. Ao mesmo tempo, Zé Pequeno faz uma cara de assustado e aponta a arma na direção de Busca-Pé.

SUBJETIVA DA CÂMERA:

Busca-Pé tem Zé Pequeno enquadrado.

Busca-Pé fecha o olho, antes que ele aperte o botão, soa um TIRO. E depois outro, e muitos outros.

PERTO DALI

O carrinho de bebê é destroçado por uma saraivada de balas.

DE VOLTA A BUSCA-PÉ

Vários bandidos em volta de Zé Pequeno caem mortos e feridos. Outros disparam a esmo. Zé Pequeno foge.

Busca-Pé percebe que está no meio do fogo cruzado. Ele olha para trás e descobre que se trata de um ataque do bando de Galinha.

Busca-Pé e Barbantinho se refugiam atrás de um monte de entulho.

PERTO DALI

(CONT.)

Cabeção impede seus homens de entrarem no conflito. Apenas dá risada. E parte na mesma direção para onde foi Zé Pequeno.

ATRÁS DO MONTE DE ENTULHO

Barbantino tapa os ouvidos com as mãos. Busca-Pé segura a câmara tenso.

BUSCA-PÉ

Putaque pariu! O que eu faço agora?

Pequeno e Thiago passam por Busca-Pé, dando tiros.

Busca-Pé hesita um instante, mas logo toma uma decisão.

BUSCA-PÉ

Eu vou atrás deles.

BARBANTINHO

Tu tá louco.

BUSCA-PÉ

Acho que sim.

Busca-Pé sai correndo atrás de Zé Pequeno.

Zé Pequeno e Thiago passam ao lado de um caminhão de gás. Pequeno pára e chama Thiago.

De longe, Busca-Pé fotografa tudo o que acontece a seguir:

PEQUENO

Aí, rapá! Tu sabe dirigir?

THIAGO

Sei!

ZÉ PEQUENO

Então, vamô fazê como nos tempo do Cabeleira...

Thiago corre até o caminhão, abre a porta do motorista com a arma em punho.

THIAGO

Mão na cabeça aí, otário. Todo mundo sai fora.

Os FUNCIONÁRIOS do caminhão saem correndo.

DENTRO DO CAMINHÃO

Pequeno e Thiago entram no caminhão. Thiago ao volante.

PEQUENO

Vamô acabá com esse Galinha filho duma puta!

Thiago acelera com tudo. Pequeno põe a cabeça para fora e aponta sua arma para frente.

NA RUA, LOGO À FRENTE

Galinha e Othon disparam contra os homens de Pequeno.

O caminhão se aproxima velozmente na direção deles.

NO CAMINHÃO

Pequeno faz pontaria em Galinha.

NA RUA

Galinha aponta para o caminhão.

Ambos disparam ao mesmo tempo. Zé Pequeno dispara várias vezes.

O tiro de Galinha acerta Thiago na cabeça.

Os tiros de Pequeno acertam Cenoura na cabeça e Othon na barriga.

O caminhão, descontrolado, passa muito perto de Galinha e Othon.

Seguimos o caminhão até que ele bate e os butijões saem rolando.

DENTRO DO CAMINHÃO

Pequeno vê o Bandido morto e tenta sair das ferragens.

PEQUENO

Putá que pariu.

Alguém abre a porta do caminhão e oferece o braço para ajudar Pequeno a sair: é Cabeção, que tem a arma apontada na cabeça do bandido.

CABEÇÃO

Chegô a hora de tu acerta umas conta comigo, seu filho da puta. Algema nele!

Pequeno é algemado por vários policiais e colocado dentro do camburão.

Busca-Pé vê o camburão se afastando. Ele começa a correr atrás do camburão.

PERTO DALI

Galinha está abaixado junto a Othon que está seriamente ferido.

(CONT.)

GALINHA

Porra, Othon! Por que tu foi entrar nessa guerra?

Othon aponta a arma dele na cabeça de Galinha.

OTHON

Pra me vingar do assassino do meu pai.

157 INT. AGÊNCIA BANCÁRIA - DIA / FLASH-BACK 157

Cena do assalto a banco em Galinha entra atirando. Desta vez vista por um outro ângulo e começando um pouco antes.

Othon está uma marmita para o Segurança.

Neste momento, Galinha, Cenoura e outros bandidos entram atirando.

O Segurança, que é pai de Othon, coloca o corpo diante do filho para protegê-lo.

Othon ainda consegue ver Mané Galinha disparando contra o pai dele, que cai morto.

158 EXT. RUA DA FAVELA - DIA 158

Galinha fecha os olhos com expressão de culpa. Deixa sua arma cair.

Othon dispara.

159 EXT. RUAS DA FAVELA - DIA 159

Busca-Pé corre pula muros, atrás do camburão da polícia.

160 EXT. BOCA DOS APÊS - DIA 160

O carro de Cabeção estaciona na frente da boca. Cabeção sai do carro. Abre o porta-malas. Zé Pequeno sai do porta-malas, visivelmente irritado.

Busca-Pé vê tudo. Ele sussurra, falando com ele mesmo, enquanto tira fotos usando uma lente zoom.

Vários momentos da cena são vistos pela lente da câmera de Busca-Pé.

BUSCA-PÉ

Eu sabia que o filho da puta não ia ser preso.

Zé Pequeno entra na boca.

Busca-Pé tira fotos de Cabeção, que espera impaciente.

Zé Pequeno volta trazendo o seu baú. Atrás dele, vêm Otávio, Lampião e outros 5 moleques da Caixa Baixa.

Busca-Pé, arriscando, se aproxima mais de Cabeção e Zé Pequeno para fotografar melhor.

Zé Pequeno tira vários maços de notas de dólar e as entrega para Cabeção.

Os moleques da Caixa Baixa observam a cena sem se envolver.

CABEÇÃO

Tem dez mil aqui?

Zé Pequeno mostra o baú vazio para Cabeção.

ZÉ PEQUENO

Tem. E não tem mais nada pra te dar.

Cabeção repara no único anel de ouro que resta na mão de Pequeno.

CABEÇÃO

E esse anel aí? É de ouro, né?

Pequeno, contrariado, retira o anel do dedo e o entrega a Cabeção.

Busca-Pé registra tudo.

Cabeção entra no carro e vai embora.

Zé Pequeno chuta o baú vazio, furioso.

ZÉ PEQUENO

Filho da puta do Galinha! Tá morto mas eu tô pobre. Guerra filha da puta!

OTÁVIO

Aí, Pequeno. Tu tá fudido, hem?

ZÉ PEQUENO

Aí, vamo vê se vocês rouba alguma coisa, que a gente tá precisando levanta uma grana pra botá as boca pra funcionar de novo, tá ligado?

A molecada ri.

OTÁVIO

Quem falou que as boca é tua?

LAMPIÃO

Ataque soviético nele!

160 CONT.: (2)

160

A molecada rodeia Pequeno, caído no chão. Todos disparam ao mesmo tempo dando risada.

Nos momentos finais da cena, vemos Pequeno em close. Seu rosto se contorcendo de dor, ao som dos tiros.

EFEITO: luz de flash fotográfico. A imagem fica em p&b e still.

FUSÃO PARA:

161 INT. CASA DE BUSCA-PÉ - DIA

161

Plano fechado de Busca-Pé junto a uma mesa sobre a qual estão duas fotos: uma de Cabeção recebendo o dinheiro de Zé Pequeno e outra do cadáver de Zé Pequeno.

Barbantino está ao lado dele..

BUSCA-PÉ

Se entregar essa foto pro jornal, eu consigo o emprego e saio fora daqui pra sempre. Mas se eu entregar essa outra aqui... Aí, cara, eu vou conseguir muito mais. Eu vou conseguir prestígio, vou ganhar uma puta grana, vou ficar famoso...

BARBANTINHO

Mas se essa foto sai no jornal, o Touro, mais cedo ou mais tarde, vai te encontrar...

BUSCA-PÉ

O que que eu faço?

162 TABLE TOP - ARTE

162

PRIMEIRA PÁGINA DE JORNAL

A câmera se afasta do rosto de Pequeno, mostrando que a imagem do bandido morto numa foto de primeira página de jornal.

No crédito da foto lemos: FOTO: BUSCA-PÉ.

E a manchete: MORRE O DONO DA CIDADE DE DEUS

163 EXT. RUA DO CONJUNTO - DIA

163

Busca-Pé caminha com Barbantino.

Moradores saúdam os dois.

BARBANTINHO

Aí, Busca-Pé: se eu passar no exame amanhã, eu finalmente vou virar salva-vidas.

(CONT.)

BUSCA-PÉ

Legal!

BARBANTINHO

Porra, Busca-Pé! Salva-vidas é que é herói de verdade. Tu agora acha que é o maior fodão? Tu acha que virou herói só porque saiu a tua foto no jornal?

BUSCA-PÉ

Pior é que é.

BARBANTINHO

Mas tu ainda não me contou direito a história com a jornalista lá. Ela é gostosa, hem.

BUSCA-PÉ

É... Mais ou menos...

BARBANTINHO

Vai me dizer que tu não gostou?

BUSCA-PÉ

Sabe que é... Acho que jornalista não saber trepar direito...

Do lado oposto da rua, vindo em sentido contrário, passam Otávio, Lampião e outros moleques da caixa baixa. A câmera passa a segui-los.

OTÁVIO

Cacau um dia meteu três cachanga na barra.

LAMPIÃO

Tem que passar ele.

OTÁVIO

Quem foi que passou o Rogério?

LAMPIÃO

Foi o Boi.

OTÁVIO

Tem que passar o Boi também.

LAMPIÃO

Tu já ouviu falar de um tal Comando Vermelho que tá chegando aí?

OTÁVIO

Não. Mas se chega, mermo, a gente passa o cara também. Aí quem sabe escrever? Vamo fazer uma lista negra aí! Vamo passar todo mundo.

Áudio cai para B.G.

(CONT.)

163 CONT.: (2)

163

EFEITO: a cena vira uma "janela" que ocupa apenas uma parte da tela.

164 ARQUIVO - CRÉDITOS FINAIS

164

Usando o mesmo efeito de janela do fim da cena anterior, entram cenas de arquivo de cinejornais, telejornais e páginas de jornais e revistas com notícias relacionadas à história real da Cidade de Deus.

Ao mesmo tempo, sobem os créditos finais.

FADE OUT / FIM.